

NOS TEMPOS DO INTERNATO

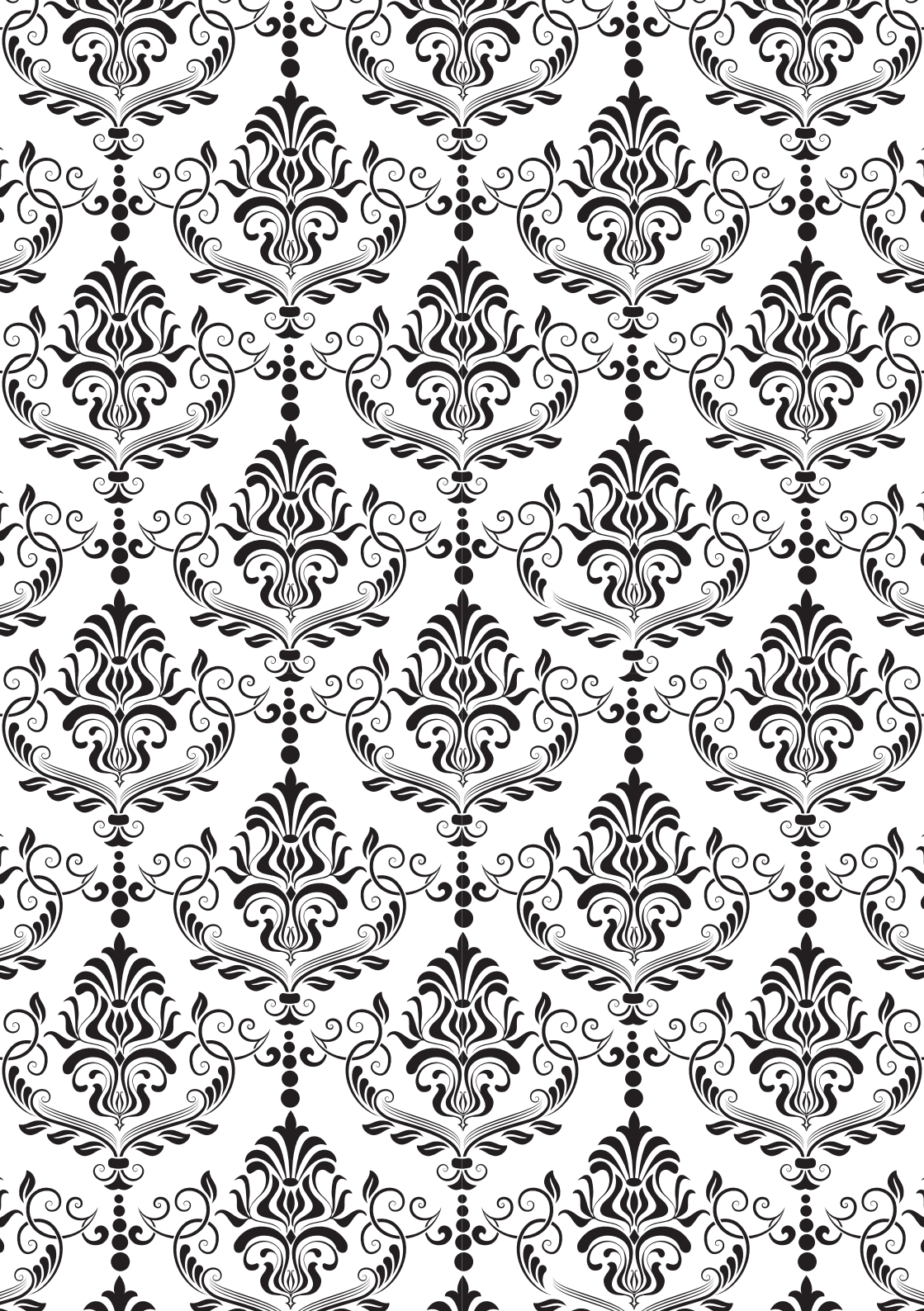
MEMÓRIAS DE EX-INTERNAS DA ESCOLA
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

NOS TEMPOS DO INTERNATO

MEMÓRIAS DE EX-INTERNAS DA ESCOLA
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

CAROLINA SILVEIRA

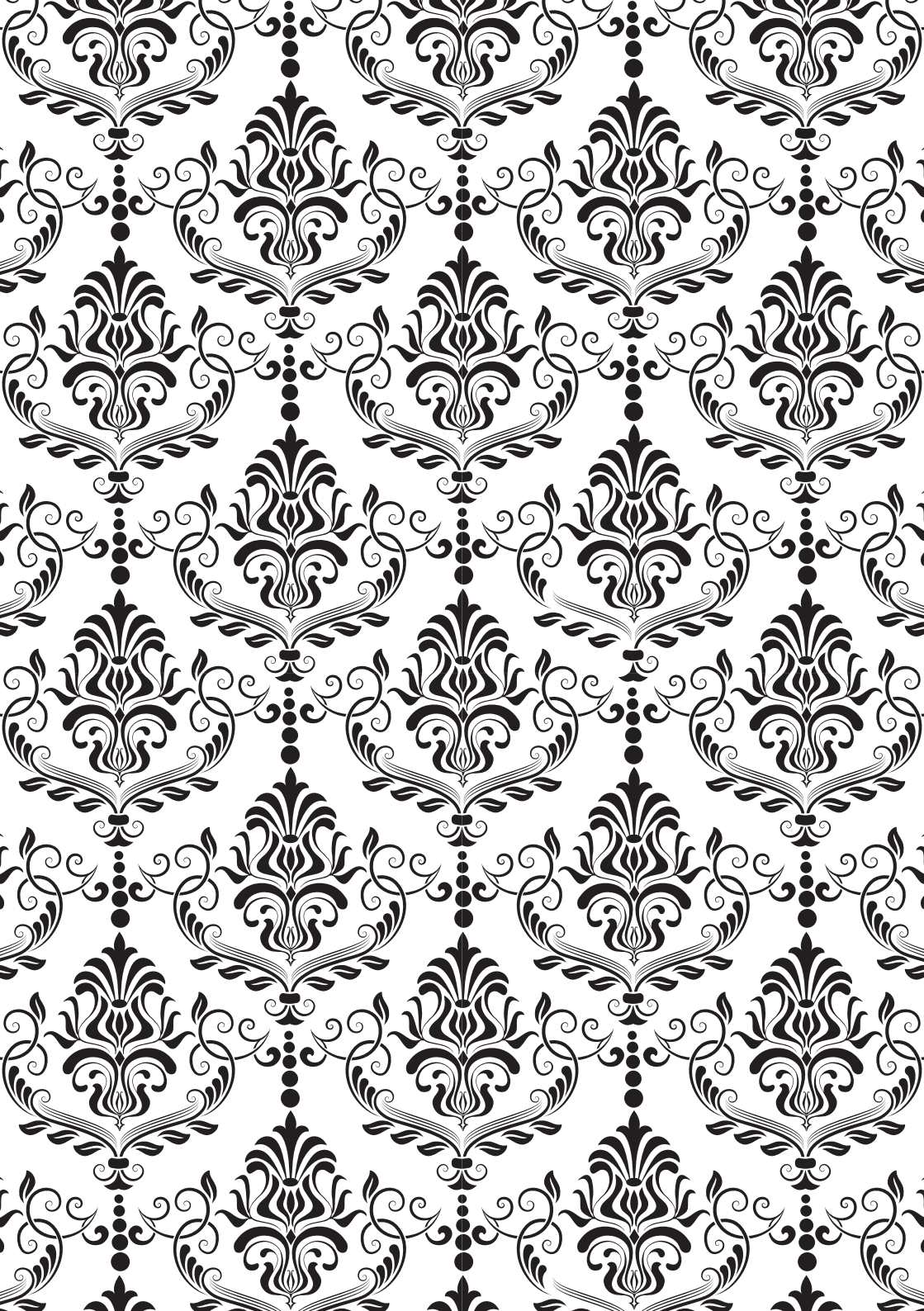
Supervisão: Adriana Ruschel Duval
Arte da capa: Marcelo Padiello
Foto da capa: Acervo CSCJ São Borja
Diagramação: Luan Kochann Zubarán
Impressão: Ale Xerox São Borja



DEDICATÓRIA

Dedico à memória de Marly Teixeira Cabeleira, que ofereceu suas histórias de ex-interna junto com um bom café, cigarrinho, alto astral e risadas maravilhosas.





AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste livro:

As ex-internas da Escola Sagrado Coração de Jesus, juntamente com as Irmãs e a diretora da instituição que me concederam informações e dividiram lembranças. Cito-as em ordem alfabética:

Adalgisa Miranda, Alci Marques Paz, Bianca Lul dos Santos, Ceres Mack Teló, Cloé Bastos Pereira, Dalva de Moraes Sasso, Eva Terezinha Amaral, Ida Terezinha Pereira Munró (Tereza Munró), Ilma Helena Moretti Lima (Kati), Irmã Fernanda Cerutti, Irmã Otelina Zaltron, Maria Sirley Balbé Moreira, Marly Teixeira Cabeleira Alvarez (*in memoriam*), Marta Maria de Oliveira Juchem, Olga Gonçalves de Faria, Regina Amaro Gamarro, Sandra Batista Heinze, Selia de Moraes Sasso e Tania Regina Passamani Pinto.

Aos meus familiares, que sempre me incentivaram a nunca desistir de um sonho. Em especial, aos meus pais, Alba e Claudemir, minhas irmãs, Carla e Camila, minhas sobrinhas, Maísa e Melissa. Aos meus avós paternos, Célia e Juarez, por desde o início acreditarem que eu poderia ser jornalista. À Cedália Campos, Claudionor Souza, Clarissa Fazenda, Débora Souza, Elaine Lisboa, Elandi Silveira, Felipe Thomas, Fernanda Araújo, Marcia Rosa e Marta Campos, por todo incentivo.

Aos meus amigos Carolina Ritter, Helen Dorneles, Helena Moura e Leonardo Altemann, pelo apoio em Porto Alegre, pelos momentos

de distração, por me ouvirem falar do livro e por todos os conselhos.

Aos meus colegas de graduação que foram mais do que isso – foram amigos que fizeram o caminho ser mais leve: Andressa Dalenogare, Jéssica Ribeiro, Júlia Heimerdinger, Letícia Licker, Lucas Villiger, Stela Boeira e Victor Leandro.

A São Borja, que me presenteou com pessoas que quero levar para sempre comigo: Gabriel Brandão, Guilherme Arruee, Jean Fraga, Neiva Garcia e seu esposo, Paulo Lopes.

À Universidade Federal do Pampa, que me proporcionou a graduação em Jornalismo, e a meus professores, pelos diversos ensinamentos.

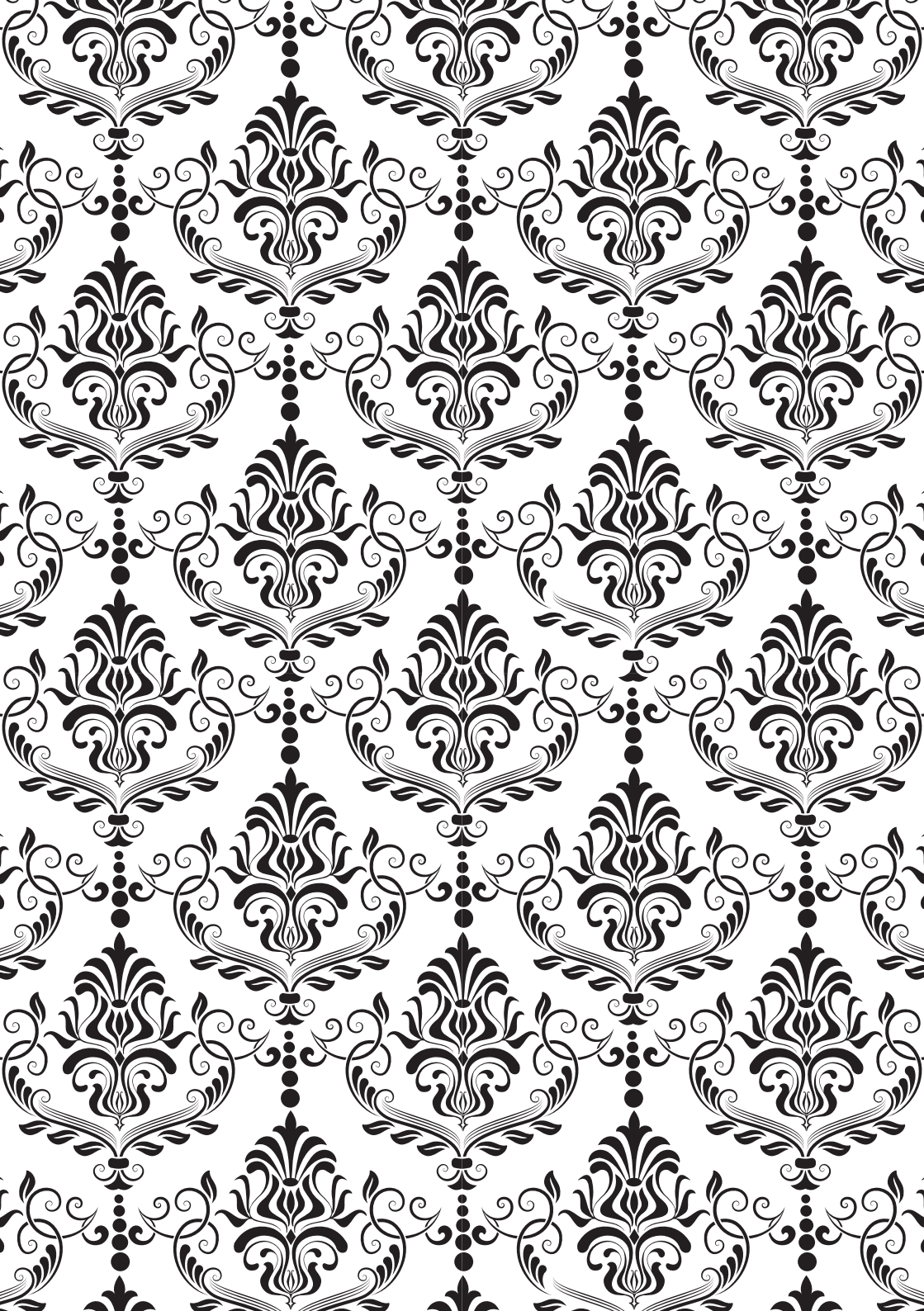
Ao Luciano Paim, amigo de longa data, pela digitalização das fotos, e ao Marcelo Padiello, por toda ajuda ao longo da graduação e pela autoria da capa.

E, por fim, e não menos importante, meu agradecimento à minha orientadora, Profa. Dra. Adriana Ruschel Duval, que esteve do meu lado desde o início da graduação, me apoiando e aconselhando em cada etapa, principalmente na ideia da construção deste livro. Sem seu apoio, juntamente com o do Prof. Dr. Miro Bacin, nada teria sido possível.



SUMÁRIO

PRÓLOGO: <i>AS MENINAS DAS IRMÃS</i> .	13
SÍNTESE DA HISTÓRIA DA ESCOLA .	21
ROTINAS E REGRAS .	29
DIVERSÃO, LAZER, SUBVERSÃO .	45
MEDOS E IMPACTOS .	57
PECADOS E PUNIÇÕES .	65
VÍNCULOS E SENTIMENTOS .	73
EPÍLOGO: <i>EX-INTERNAS, AMIGAS ETERNAS</i> .	81
REFERÊNCIAS .	88
SOBRE A SÉRIE MEMÓRIA .	92
SOBRE A AUTORA .	93



*“Uma história é feita de muitas histórias.
E nem todas posso contar.”
(Clarice Lispector)*

PRÓLOGO

AS MENINAS DAS IRMÃS

Aprofundar-se no estudo de uma história é ir atrás de acontecimentos e pessoas direta ou indiretamente a ela relacionados. É preciso remontar o passado com os pés no presente, viajando no espaço e no tempo para travar contato com os mais variados aspectos que participaram daquele momento, naquele lugar, com aquelas pessoas. Em outras palavras, para se ir a fundo na história de algo é essencial estar pronto para o mergulho.

Este livro-reportagem apresenta a experiência de mergulhar na memória de ex-internas da Escola Sagrado Coração de Jesus de São Borja para emergir com informações que contribuam a uma narrativa de reconstituição daqueles tempos. A maior parte das entrevistadas que foram localizadas e se disponibilizaram ao estudo em questão teve sua trajetória ligada ao internato nas décadas de 50 e/ou 60. A pesquisa foi focada na prospecção sobre o ambiente, a rotina, as regras, os comportamentos e as lembranças marcantes de seus tempos como estudantes e moradoras da instituição.

O processo de coleta de dados (pesquisa, observação e entrevista) deu ênfase à técnica de entrevista instrumentalizada pelo método de captação via História Oral. As entrevistadas foram identificadas a partir de manifestações em postagem sobre o trabalho no Facebook e também por indicação de pessoas que tomaram conhecimento da existência da pesquisa.

As ex-internas abordadas são hoje residentes em São Borja, São Luiz Gonzaga, Itaqui e Porto Alegre, com idades entre 64 e 81 anos. Um facilitador para o encontro dessas pessoas foi o fato de que existe um evento anual de confraternização das ex-internas, promovido por elas, na cidade de São Borja. Também existem encontros realizados na cidade de São Luiz Gonzaga, em geral contando apenas com a presença das que lá residem – são confraternizações menores e feitas com mais frequência durante o ano, por iniciativa de uma ou de outra que

resolve chamar as amigas para se reverem e colocarem a conversa em dia.

Ao todo, o trabalho de reportagem contou com informações oriundas das ex-internas, de religiosas da Congregação das Filhas do Sagrado Coração de Jesus e de uma ex-aluna que morava na instituição na condição de “interna auxiliar” – pagava estudos e moradia com o trabalho de limpeza do prédio.

A intenção, com esta obra, é produzir conteúdo sobre um tempo, uma questão cultural da sociedade – a instauração de colégios internos – e, especificamente, sobre o internato da Escola Sagrado Coração de Jesus - que ao longo de sua trajetória passou a ser chamada de Escola Normal e, por fim, de Colégio Sagrado Coração de Jesus, como é hoje conhecido (popularmente apelidado na cidade de “Colégio das Irmãs”, por ser uma instituição sob responsabilidade de religiosas).

Justifica-se a pertinência do livro pela pouca informação a respeito, embora haja um livro lançado em 1992, que, objetivamente, apresentou dados da fundação da entidade. Outro fator importante para motivar a realização deste projeto foi a investigação sobre a função e o impacto do modelo (internato) na vida das meninas – crianças e jovens – das cidades do interior, tanto São Borja quanto arredores. A partir dos estudos e entrevistas tornou-se possível compreender o porquê de sua existência, o significado simbólico para as famílias e o resultado para a vida, em particular, de cada interna entrevistada.

Dizendo assim, desde já se antecipa que este livro não tem a pretensão de ser uma biografia ou de apresentar uma linha cronológica exata sobre a trajetória do internato particular em São Borja. No início do trabalho foi buscado resgatar toda a história, desde o começo; no entanto, a ausência de documentação antiga – abrangendo as décadas de 30 a 70 – e de pessoas mais longevas capazes de conceder depoimentos sobre o local foram determinantes para a decisão de direcionar

a narrativa a uma reconstituição sentimental baseada na memória individual disponível.

Com o contato com as fontes foi possível conhecer as histórias de cada uma, sem prévia expectativa nem pré ou pós-julgamento. Houve senhoras que guiaram suas lembranças apenas para os registros positivos. Outras mesclaram os positivos e os negativos. E ainda algumas revelaram memórias predominantemente negativas. No processo de confecção do livro-reportagem tomou-se o cuidado de selecionar e apresentar as informações que se encaixavam com os tópicos e a costura de diálogos promovida pelo texto jornalístico. Dessa forma, não se censurou conteúdo, mas se fez uma triagem do que era ou não relevante à reconstituição pretendida.

Como todo e qualquer trabalho dessa natureza, o que aqui é disponibilizado à sociedade são-borjense, como parte da memória da cidade, apresenta diferentes percepções e sentimentos a respeito do tema – os tempos que as meninas viveram no internato. Dessa forma, não se trata de um material que se posicione a favor ou contra a existência desse tipo de entidade, e sim do fruto de um estudo que, através da soma de relatos de vida, oferece ao leitor possibilidades de interpretação sobre o que isso representou para cada menina, em particular, e para a sociedade, como um todo.

De modo a contemplar o proposto, a abordagem se divide em diferentes aspectos, sob a forma de capítulos:

Na sequência apresentamos a **SÍNTESE DA HISTÓRIA DA ESCOLA**, em que abordamos sobre sua fundação e os principais marcos, bem como tratamos a respeito da cidade de São Borja e do período estudado, de modo a subsidiarmos o leitor de informações sobre a história e o contexto.

Adentrando nos bastidores dos tempos do internato na Escola Sagrado Coração de Jesus, iniciamos com o capítulo **ROTINAS E RE-**

GRAS, no qual são tratados os costumes e normas do regime de internato na instituição. Procurou-se levantar o máximo de detalhes para reconstruir o passado, pois as meninas que residiam e estudavam no colégio tinham de se adequar às rotinas e regras estabelecidas. Contudo, de acordo com o período narrado ou até mesmo por causa da (im) precisão da memória, pode haver variações na versão apresentada nas narrativas.

Em DIVERSÃO, LAZER, SUBVERSÃO são abordadas as “diversões e traquinagens” vividas pelas meninas, trazendo relatos que recordam alguns dos instantes em que elas, de diferentes idades, foram “arteiras”. Também nessa parte há referência a situações em que as internas se divertiam brincando, como em eventos especiais e nas horas vagas entre as atividades escolares.

Em PECADOS E PUNIÇÕES adentra-se no assunto do que era considerado proibido e do que seria a consequência, ou punição, caso houvesse desrespeito a isso. Já que o local servia de morada para muitas meninas, reunindo crianças e adolescentes de diferentes personalidades, existia sempre a iminência da realização de algo não permitido. Na condição de responsáveis pelas meninas, as freiras tinham a necessidade de deixar claros os limites, ensinar o que era “certo” e “errado”, mostrar que o mau comportamento tinha consequências. Foram várias as situações enfrentadas nesse âmbito, de cenas de indisciplina nos estudos a birras infantis e rebeldias juvenis.

Em MEDOS E IMPACTOS são reveladas as lembranças em relação aos medos do sobrenatural, dos frutos da imaginação fértil, dos trovões em dia de temporal. E outros medos e receios próprios da idade e das transições por que passavam. Para crianças e jovens que, pela primeira vez, deixavam a casa da família e passavam a residir em um espaço coletivo, o potencial para existirem situações de medo era ainda maior.

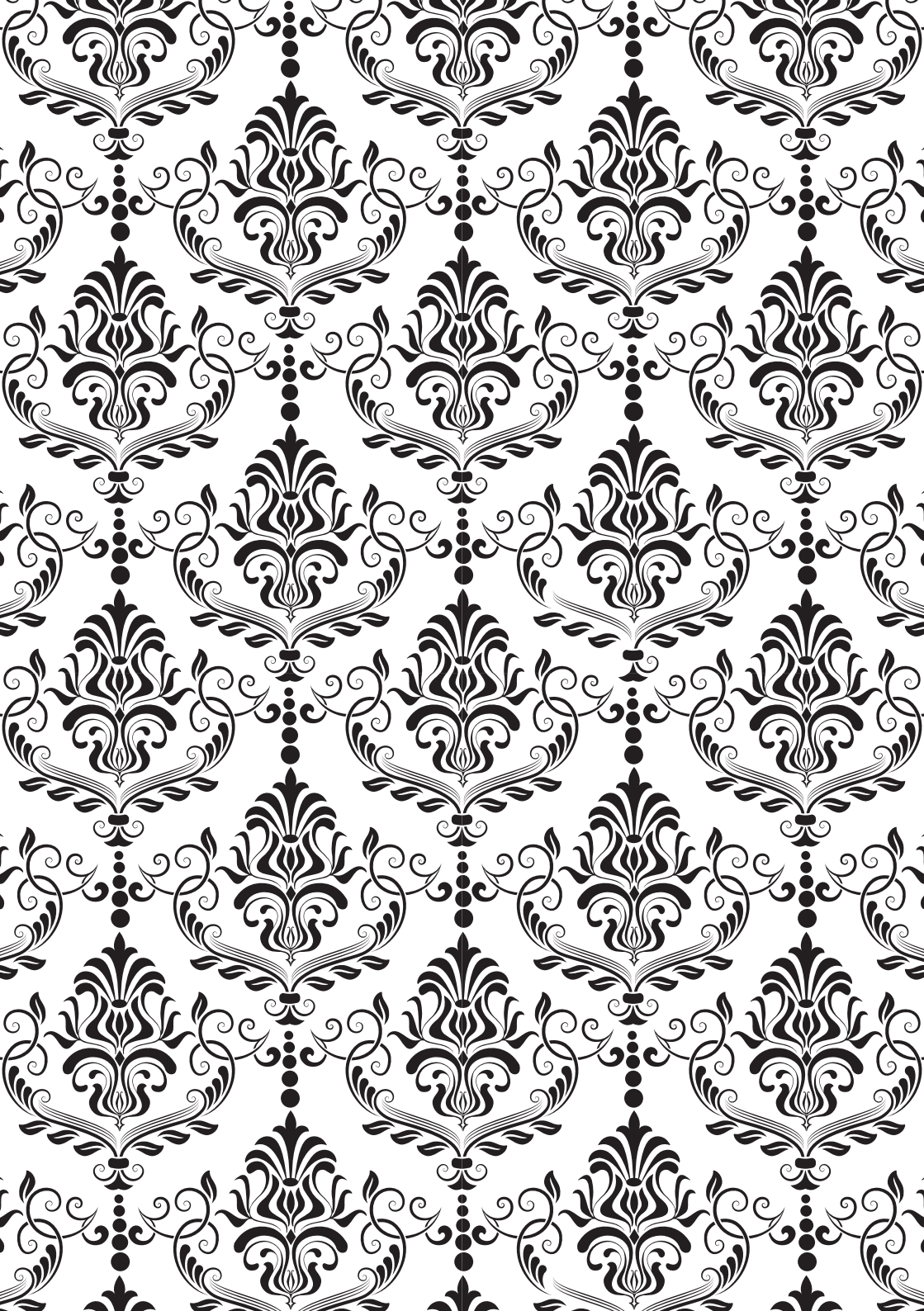


Já no capítulo VÍNCULOS E SENTIMENTOS relatamos situações narradas pelas entrevistadas que mostram o quanto o internato representou um espaço onde elas experimentaram emoções variadas, na individualidade e na coletividade. O companheirismo e as rivalidades, a adoção do local como segunda casa ou a saudade irreparável da família.

No EPÍLOGO, por sua vez, apresentamos as considerações finais e reflexões feitas a partir do conteúdo desenvolvido, convidando o leitor a igualmente analisar sobre esse universo que foi o internato na vida das meninas.

Nas REFERÊNCIAS, compartilhamos informações sobre as entrevistas e as leituras realizadas em artigos e livros, que contribuíram para o entendimento do tema e a viabilização deste livro-reportagem.

Mesmo que a modernidade transforme a fisionomia da instituição, em sintonia com os novos tempos, há um passado guardado na memória de centenas de mulheres, que foram as crianças e adolescentes que melhor conheceram cada pedaço do grande prédio da escola. Há, também, pedaços de cada uma pelas salas, capela, pátio, auditório e até na ala, desativada, onde ficavam os dormitórios. São recortes de histórias individuais, singulares, que ali permaneceram e que, agora, o leitor está convidado a conhecer. Afinal, como bem lembra a Irmã Fernanda Cerutti, ex-diretora, ao verem as colegiais nos costumeiros passeios, na companhia das religiosas, pelas ruas, as pessoas olhavam e logo identificavam de onde eram: “Todo mundo sabia que aquelas eram as alunas internas. Alguns diziam que eram ‘as meninas das irmãs’”.



“Deus quer de nós ideias grandes, coração generoso, ardente e corajoso.”

(Santa Teresa Verzeri)

SÍNTESE DA HISTÓRIA DA ESCOLA

Para tratarmos do foco principal deste livro, vamos começar abordando o início de tudo: como surgiu a Escola Sagrado Coração de Jesus em São Borja e quando começou e terminou o regime de internato. Neste capítulo de abertura, resumimos a história com base nas informações apresentadas em um livro feito por alunas do 3º ano do Magistério da Escola em 1990, sob coordenação da professora Clair Zenni, e nos registros do diário das Irmãs da Congregação.



No Brasil, os internatos estão quase sempre ligados à administração religiosa. No começo do século XX era cultural recorrer a esse tipo de instituição para garantir a educação dos filhos. Chegava a ser considerado motivo de status, pois os internatos pagos denotavam que a família tinha posses, pois não eram baratos. Ao mesmo tempo, colocar as filhas em um colégio de irmãs católicas significava que elas estariam bem guardadas e dali sairiam prontas para o casamento. Havia pais que optavam por esse regime até mesmo para corrigir o comportamento “arteiro” das filhas.

Nos dias atuais ainda existem alguns colégios internos, abrigando muitos estudantes. No entanto, não raro são rotulados de “reformatórios” ou associados a locais que abrigam jovens indisciplinados. Para além do preconceito que possa se fazer presente, há instituições que mantêm esse tipo de serviço, pautadas por tradição e princípios religiosos, adaptadas aos novos tempos e sem associação com concepções pejorativas, como é o caso de colégios internos da igreja adventista.

São Borja teve seu colégio interno pago e administrado por religiosas, cuja história teve início em 1929, quando São Borja ainda não tinha o apelido de Terra dos Presidentes; seu filho ilustre Getúlio Vargas somente no ano seguinte chegaria ao posto máximo da Nação, através da Revolução de 1930. Mas a cidade crescia, com o impulso do setor primário, tendo as tradicionais famílias a moradia estabelecida nas estâncias das localidades do interior do município.

Na área da saúde havia o Hospital São Francisco, assistido por religiosas – as irmãs da Congregação do Sagrado Coração de Maria. Já na área da educação nenhuma escola era regida por instituição católica, e era usual e desejável que a educação cristã, naquela época, tivesse representação nos municípios. Conforme relatado no livro **Escola Sagrado Coração de Jesus vê São Borja através de sua janela - 1932-1992**, organizado por alunas e docentes da instituição e lançado



por ocasião de seus 60 anos, foi então que D. Hermeto José Pinheiro, bispo de Uruguaiana, e o Monsenhor Patrício Petit-Jean, vigário de São Borja, resolveram criar uma comissão em defesa da fundação de um colégio que seria dirigido por religiosas.



Logo após, esse grupo, conduzido pela esposa de Getúlio, Darcy Sarmanho Vargas, juntamente com Glasfira Vargas, cunhada de Getúlio, arrecadou o valor equivalente a atuais 36 mil reais para a aquisição e a reforma de uma casa onde funcionaria a tal nova escola. Era um chalé de dois pisos, em concreto, que teria sido erguido no terreno onde, originalmente, havia a escola do período das Missões jesuíticas.

A inauguração ocorreu no dia 19 de fevereiro de 1932. O endereço é o mesmo até hoje: Rua General Marques, número 1264, em frente à Praça XV de Novembro. Surgia a escola que se tornaria uma das mais

bem conceituadas da cidade, com o nome de “Escola Sagrado Coração de Jesus”, sob a coordenação da Madre Maria Antônia Perini com a Madre Josefina Zeni e as Irmãs Inês Astori, Inácia Tombini, Madalena Högliger, Marieta Libardoni e Gina Bacalli.

A aula inaugural aconteceu para onze alunas. Mas, no final daquele ano letivo, já havia 42 meninas matriculadas. O colégio cresceu, ganhou fama, e meninas da região queriam estudar lá. Surgiu, portanto, a necessidade de oferecer moradia para essas estudantes. No dia 6 de março de 1933, a escola recebeu a primeira aluna interna: Carmem Maria Carvalho.

A instituição são-borjense desenvolveu-se, o prédio foi ampliado e também teve seu nome alterado. Em 1º de abril de 1944 passou a funcionar o Curso Ginásial na escola. Já em 15 de março de 1952 teve início a oferta do Curso de Formação de Professores da 1ª à 4ª série, ano em que, de Escola Sagrado Coração de Jesus, passou a ser chamada de Escola Normal Sagrado Coração de Jesus. Oito anos depois, em 3 de março, começou a ofertar o Curso Científico. Já a Associação das Ex-Alunas (AEXA) foi fundada em 4 de abril de 1967, ganhando status de personalidade jurídica três anos mais tarde. Sua primeira presidente foi Tereza Martins, como interina. A primeira eleita foi Maria Juracy Dutra Fontella.



Foto: Miro Bacin

Fachada atual do colégio conserva letreiro da Escola Normal

Ex-diretora da Escola Sagrado Coração de Jesus e uma das professoras na época do internato, Irmã Fernanda Cerutti conta que “naquela época, não havia escolas no interior, era tudo campo. Aqueles que tinham mais posses e não tinham parentes na cidade tratavam de colocar as meninas no internato”.

São Borja foi a primeira cidade da região a disponibilizar moradia para as alunas. A escola se tornou conhecida no Rio Grande do Sul e meninas do interior do município, assim como de outras cidades – Uruguaiana, Itaqui, São Luiz Gonzaga, entre outras –, passaram a ser levadas para lá. A estrutura, que começou atendendo uma interna, logo ficou conhecida como o “Internato das Irmãs”, servindo de moradia para até 80 meninas ao mesmo tempo.

O internato era particular, a maioria das meninas tinha um perfil socioeconômico compatível com o valor cobrado. Mas também havia algumas de poder aquisitivo menor, que pagavam pelo estudo e moradia através do trabalho de limpeza da escola - as chamadas “internas auxiliares”.

O internato na Escola Sagrado Coração de Jesus durou segundo registros no diário das Irmãs, até 8 de novembro de 1970 onde houve um evento no local, com a presença de familiares, marcando o encerramento desse ciclo. No diário das Filhas do Sagrado Coração de Jesus de São Borja - as Irmãs da Escola -, no qual registram as atividades importantes, ficou marcado esse dia. “(...) Ocorreu um almôço de confraternização das alunas internas com seus pais como despedida do ano letivo e do internato que será fechado. Os pais mostraram-se muito satisfeitos e gratos pela oportunidade que se lhes deu, e pelo bem que as Irmãs fizeram a suas filhas”.

Entre os motivos do encerramento do serviço de internato estariam mudanças na própria dinâmica da sociedade são-borjense naquele período. Diversas famílias optaram por terem moradias não só no campo, como também na cidade. Surgiram pensionatos e, aos poucos, diante desse novo quadro, a procura pelo regime de ensino-e-moradia no Colégio passou a diminuir.

Irmã Fernanda, que atuava como diretora no ano em que o internato fechou, alegre também outras razões. “As irmãs começaram a diminuir, envelhecer, e precisavam mais forças. E também porque para as pequenas já havia escolas municipais na Campanha, e as grandes já não queriam mais internato, não queriam ficar presas, algumas começaram a ir para pensionatos, outras para casa de famílias e assim foi indo”, relembra. “A necessidade cessou, então cessou a atividade”, resume.

O nome tal como é hoje - Colégio Sagrado Coração de Jesus (CSCJ) - foi registrado na década de 1990, passando, em 2011, a integrar o segmento educacional da Rede Verzeri, que possui, ao todo, 5 escolas no Rio Grande do Sul, nas quais oferece educação pautada pelos princípios católicos inspirados no legado espiritual de Santa Teresa Verzeri, fundadora da Congregação.

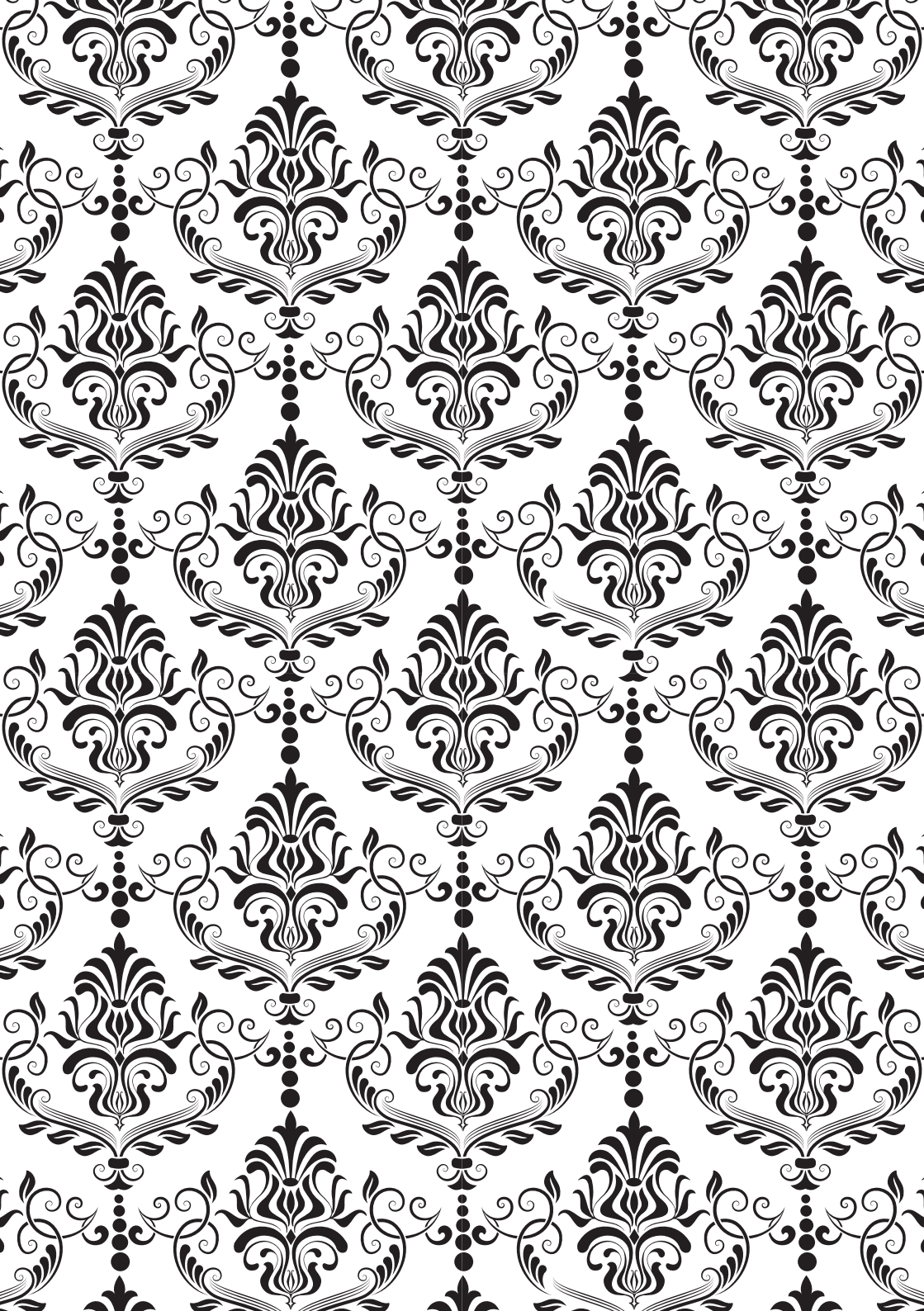




Foto: <http://www.fgiledelsacrocorcuonordigesu.it/pi-pi/>

Imagem de Santa Teresa Verzeri

Atualmente, o Colégio se mantém como referência na cidade e na região, empreendendo sua missão a partir da pedagogia de Jesus Cristo. Realiza projetos interdisciplinares que promovem a integração com a comunidade e favorecem o desenvolvimento dos alunos na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.



*“Nada existe de audacioso sem
a desobediência às regras”.*

(Jean Cocteau)

ROTINAS E REGRAS

Ao longo do tempo em que o internato esteve ativo, as meninas que ali residiam e estudavam tinham de se adequar às rotinas e regras estabelecidas. Estas, por sua vez, podem ter variações em sua reprodução narrativa, conforme o período narrado ou até mesmo a precisão conferida pela memória atual. O capítulo em questão enfoca esse aspecto, ao qual procurou-se levantar o máximo de detalhes possível para reconstituir a dinâmica do passado recente.



“Cada uma tinha um número. A gente chegava lá e elas nos davam. Com aquele número, em casa, a mãe bordava nas nossas roupas, em todas as peças. O meu era o 38”, lembra Tania Pasamani. “O meu número era 68 ou 69. Nós fazíamos o uniforme e toda roupa era bordada ou marcada para não perder: forros de cama, camisola, essas coisas assim que a gente levava”, complementa Kati Moretti Lima. Sandra Heinze acrescenta que o fato de fazer um enxoval para o internato, exclusivo para ela, a deixava muito feliz. “O que eu gostava é que eu ganhei tudo para mim, porque em casa era meu, mas da minha irmã também. E lá o lençol era meu, o travesseiro era meu, todos com meu nome bordado. Achava o máximo!”.

O armário, conforme Cloé Bastos Pereira, era chamado de “rouparia”. “Sexta era o dia para lavar roupa. A gente colocava em um cesto e depois vinha tudo separadinho, passado, em cima da cama, pra gente guardar”, recorda. “As rouparias era todas organizadinhas com os nomes”, reforça Marly Cabeleira.

O uniforme era exigido e bem cuidado para estar em boas condições. “Eu era do tempo do uniforme xadrezinho, branco e verde, fechado atrás. Amarrava-se com um cinto e sempre era preciso da ajuda de uma colega. Tinha também um tope grande”, descreve Sandra.

Os dormitórios, no andar superior do prédio, chegavam a abrigar entre 70 a 80 internas – cada qual comportando metade desse número. Eram “grandes salões” – como rememora Sandra. “Peças enormes com camas brancas de ferro que tinham, no fundo, umas pias pra gente se escovar”, complementa. “E um lavador que, de noite, usávamos para lavar os pés, porque a gente fazia horrores no colégio!”, adiciona Marly, confirmada pela memória de Tania. “A disposição era assim: tinha uma cama e um bidezinho, uma cama e um bidezinho – uma do lado da outra”, cita Dalva Sasso.



Kati evoca a imagem do quarto repleto de camas, uma do lado da outra. “Três filas de camas, e a freira dormia no nosso quarto também – mas a cama dela era tapada com uma cortina”, esclarece. “Uma fila no costado da parede, outra no meio e outra no outro costado da parede”, especifica Selia Sasso – e acrescenta: “no costado da minha cama tinha a Dalva, do lado direito, e do outro lado era a cama da freira. Só que a freira tinha um tipo de pequeno abrigo de tecido, como fazem nas lojas para experimentar roupa. Eram duas freiras, uma de cada lado”. Marta Oliveira recorda que cada interna levava seu colchão. “Duas só tinham colchão de mola, os pais eram caseiros da fazenda do Jango”, lembra. As internas eram distribuídas nos quartos por critério de grupo etário. “Havia o quarto das mais jovens e o das mais velhas. O meu e da Dalva era o das mais velhas”, comenta Selia.

A rotina seguia horários rígidos e exigia que as meninas correspondessem com concentração e ordem. “Mais ou menos umas 20h nós subíamos. Quando começava a escadaria ninguém mais conversava. Aí a gente lavava os pés, se escovava e ia dormir. Tudo no silêncio”, relata Tania. “A gente dormia cedo, fazia oração antes, tinha horário para dormir e levantar. Isso eu lembro bem”, evoca Kati. Cloé salienta que era preciso levantar cedo para poderem assistir à missa, tomar café e, só então, se dirigirem às salas de aula.

“A missa era às 6h da manhã, em uma capela que ficava no próprio colégio e, quando não tinha missa na capela, era na igreja matriz, que ficava a meia quadra. Era rezada em latim, eu nunca esqueci isso”, revela Kati. “A irmã nos acordava todas as manhãs bem cedo, rezando. Ela fazia ‘o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; o anjo do Senhor anunciou a Maria’; era a oração com que ela nos acordava”, conta.

Cloé fala na existência de uma campainha, e Sandra menciona a sineta tocada para anunciar o início do dia. “Com a primeira sineta



nós levantávamos, arrumávamos a cama e íamos escovar os dentes”, pontua. “A rotina era assim: batia a sineta, a gente levantava, ia escovar os dentes, se vestir, tirar a camisolinha ou pijaminha, dobrar e colocar debaixo do travesseiro”, rememora. “Todo mundo tinha sua roupa marcada para ir para a lavanderia, sua escova de dente – tudo tinha lugar, para não se misturar, Deus nos livre pegar algo de alguém! Naquela época existia muito respeito”, comenta.

Dalva confirma que às 6h levantavam, para poderem ir à missa às 7h. Depois da missa e do café, as internas subiam para buscar o material escolar. Já era a hora da aula. “Fazíamos outra oração para ir à aula, ao meio-dia nós almoçávamos, brincávamos até às 14h, depois íamos estudar. Estudávamos até às 16h, descíamos para fazer um lanche. Às 19h jantávamos e às 20h subíamos para ir dormir. Era bem rígido”, descreve Kati.

No tempo livre entre o almoço e as lições da tarde havia uma sala de estudos para onde as meninas recorriam. “Era onde fazíamos os temas e bordávamos”, lembra Sandra. “Das 14h às 16h tinha bordado. Mas, quem estava mal na aula, estudava. Eu estudava, porque odiava bordar. Uma freira bordava pra mim”, confidencia Marta. Já Selia recorda, com orgulho: “Até hoje tenho umas toalhas que bordei lá”.

Havia também coral e teatro, para as meninas maiores. Cloé conseguiu participar. “Muito cantei no coral. Eu fazia parte até da banda da escola. Era maravilhoso!”, relata. E existiam as lições de artes plásticas, seguidas com muito comprometimento por Selia Sasso. “Eu sempre fui muito quieta, muito tímida, não era muito do jogo. Foi aí que eu comecei a pintar e pinto até hoje”, contextualiza. “A Irmã Vicência era a professora que dava aula de pintura”, comenta.

Além de bordado, pintura, teatro e coral, Dalva menciona sobre o aprendizado de música. “Aprendi a tocar gaita, tocava umas duas musiquinhas”, refere. “Essa era a vantagem de não ter o celular, como



hoje a juventude tem. Além de fazermos muitas coisas, a gente conversava. Isso se perdeu, as pessoas não conversam mais”, analisa. Alci Paz acrescenta outros conhecimentos, que foram levados para a vida adulta. “Aprendi a fazer barra e pregar botão, senão até hoje não ia saber fazer isso”, considera.

A escola foi crescendo e novas demandas foram surgindo, como ter um salão de festas para a apresentação das meninas do coral e do teatro. Selia conta de quando inauguraram o local. “Eu me lembro que achei muito bonito. As alunas representaram uma peça teatral, aquilo para mim foi o máximo!”, afirma.

A referida apresentação foi da peça “Iaiá Boneca”, de Ernani Forneri, interpretada pelo Grupo Teatral Paulo de Magalhães – organizado pelo Dr. José Pacheco e um grupo de docentes da Escola. Ocorreu em um sábado, 25 de outubro de 1958, segundo consta no livro sobre a Escola lançado em 1992.



Foto: Arquivo CSCJ São Borja

Meninas sendo regidas por professora em aula de canto

Participar dos eventos era importante para as internas. Todos os anos, elas previamente se preparavam para representarem a escola no desfile cívico do Município.



Foto: Acervo Maria Oliveira

Alunas da escola em desfile cívico, década de 60

Datas religiosas igualmente eram tratadas com planejamento e adesão das internas. Adalgiza Miranda destaca a comemoração do dia 19 de março, dia de São José. “Acontecia uma procissão no pátio, até a gruta que até hoje está lá no colégio. Depois recebíamos visitas dos familiares, em uma sala chamada de parlatório”, menciona.



Foto: Acervo CSCJ São Borja

Ex-internas rezando na gruta do Colégio no intervalo da aula, década de 60

As festas juninas eram atrações esperadas pelas meninas com muita expectativa. “Era lindo de ver! Todas arrumadas! Eu fazia teatro, então a gente se apresentava nesses eventos, quem se interessava, se inscrevia e entrava”, detalha Marly. “Os grandes eventos eram os de fim de ano. Era a cidade inteira lá. Os alunos todos se apresentavam e era coisa fina!”, acrescenta.



Foto: Arquivo CSCI São Borja

Peça teatral fim de ano na Escola Sagrado
Coração de Jesus, década de 60

As festas na instituição eram consideradas grandes acontecimentos. A cidade fazia questão de marcar presença. “Quando tinha festa no colégio entravam os externos [pessoas de fora], mas só as internas mais velhas que podiam ficar, as mais novas, não. E nós éramos artieras, tentávamos ficar. Mas as grandes logo diziam: ‘essas ‘piochas’ incomodando perto da gente’, porque não gostavam que a gente ficasse junto delas”, recorda Tania.

No recreio podiam brincar, e Sandra lembra que, entre as diversões, estava a brincadeira de “jogar caçador”. “Andávamos, jogávamos bolita, conversávamos”, acrescenta Kati.

Havia horário para tudo. O banho era a partir das 17h. “Às 18h era a hora do terço”, relembra Tania. “Quando não era caminhando, era na frente da gruta de pedra ou na capela”, conta. “Sempre tinha uma freira conosco: na hora do banho, no dormitório, no pátio, no café, no almoço, no corredor”, comenta. “No pátio sempre tinham duas ou três irmãs nos acompanhando”, confirma Selia. “Tínhamos muita disciplina, mas era divertido”, pondera Cloé.

Kati recorda, aliás, que a disciplina se fazia presente nos mais diferentes momentos. “Se entrasse uma diretora, um inspetor ou alguém de fora, todo mundo levantava e cumprimentava”, cita. “Cantávamos o hino, dizíamos ‘por favor’, ‘boa noite’, ‘benção, mãe’ – costumes antigos, raros de vermos hoje em dia. Lá no internato era tudo uma cordialidade. Uma educação muito aprimorada”, enfatiza.

Além das disciplinas costumeiramente estudadas em sala de aula, as internas aprendiam a como se portar em sociedade. “A nossa professora na época era a dona Olga Maria Ferreira, de Uruguaiana. Tinha estudado em Porto Alegre e possuía uma capacidade muito grande de nos ensinar”, relembra Sandra. “A escola foi muito importante para minha vida, pois hoje levo todos esses ensinamentos”, destaca. As



aulas de comportamento hoje seriam o equivalente a lições sobre etiqueta. “A professora trouxe na aula até alcachofra. Não era usual! E nos ensinou como se comia aquilo. Assim como nos ensinou a cortar a banana, como entregar um cartão de visita, como cumprimentar”, cita.



Foto: Aervo Maria Oliveira

Adalgisa Miranda, Marta Oliveira e Iara Bolacel,
década de 60

Certas orientações ou advertências representavam, para as meninas – ainda crianças ou na adolescência –, algo contrário a seu desejo. “A gente não podia nem ir na janela para olhar a rua”, exemplifica Selia. Com a curiosidade peculiar da idade, o que se passava lá fora chamava a atenção. “Quando teve o enterro do Getúlio, a gente não pode contar. Não vimos, nem da janela – porque, quando fomos olhar, a freira não deixou”, lembra Dalva.

No convívio com as religiosas, além de se adequarem às regras, as meninas incorporavam lições morais. “Os momentos que a gente tinha com as freiras eram para falar das passagens boas da bíblia e dos bons ensinamentos. Do porquê ser bom era importante”, destaca Sandra.



Foto: Acervo CSCJ São Borja

Grupo em pose durante Dia de Nossa Senhora



Foto: Acervo CSCJ São Borja

Grupo durante Dia de Nossa Senhora, na gruta da escola, década de 60

Ainda sobre a rotina, as ex-internas discorrem sobre como era a comida. “Era boa, mas em casa a gente tinha outra fartura – se eu quisesse uma bolachinha ou um chocolate, eu ia lá, pegava e comia; no internato não”, conta Sandra. “Tinha horário para comer, não adiantava sentir vontade, porque não estava na hora”, complementa. Marta refere a existência do bar, no qual as meninas podiam adquirir os lanches com o aval da família. “Os nossos pais nos davam limite para nós comprarmos no bar. Quando acabava o dinheiro, aí acabava”, explica. Lá pelo dia 25 todo mundo estava sem dinheiro e as filhas do funcionário do Jango, não. Aí elas compravam pra gente, porque elas não tinham limite”, rememora.

Os finais de semana era um capítulo à parte. “As freiras nos acordavam com música, senão era com a sinetinha”, conta Dalva. “Uma das coisas curiosas – para mostrar a inocência da época – é que sábado era o único dia em que nós ganhávamos banana de sobremesa”, lembra Sandra. “E lá a gente aprendia não só a abrir a banana e comer, mas a comer socialmente, com garfo e faca”, recorda.

Cloé refere que as tardes de sábado eram destinadas a fazer limpeza e lustrar os sapatos para ir à missa. Sandra também puxa da memória esse aspecto: “Naquela época o sapato era preto, e cada uma passava pasta de sapato no seu. A gente brincava de quem conseguia deixar brilhando mais”. Quanto à roupa, Cloé lembra de um truque para ficar impecável. “A gente usava saia de preguinha de lã azul marinho, aberta do lado, com pressão. Para ficar ‘passadinha’, abríamos e colocávamos debaixo do colchão, na sexta. No sábado estava pronta para ir à missa”, revela.





Foto: Arquivo CSCJ São Borja

Internas no pátio da Escola Sagrado Coração de Jesus, década de 60. Em pé: Cleusa Diniz, Neivarlete Diniz (e outras não identificadas). Sentadas: Zoé Bastos, Cloé Bastos, Maria Helena, Regina Gamarra, Tuti Roder e Marta Posueco.

Nos finais de semana, se houvesse um familiar ou alguém responsável para buscá-las, as meninas podiam sair. “A gente tinha uma tia”, conta Tania. Cloé acrescenta que acontecia de fazerem excursões pela escola – sempre momentos esperados pelas meninas. “As freiras nos acompanhavam”, salienta.



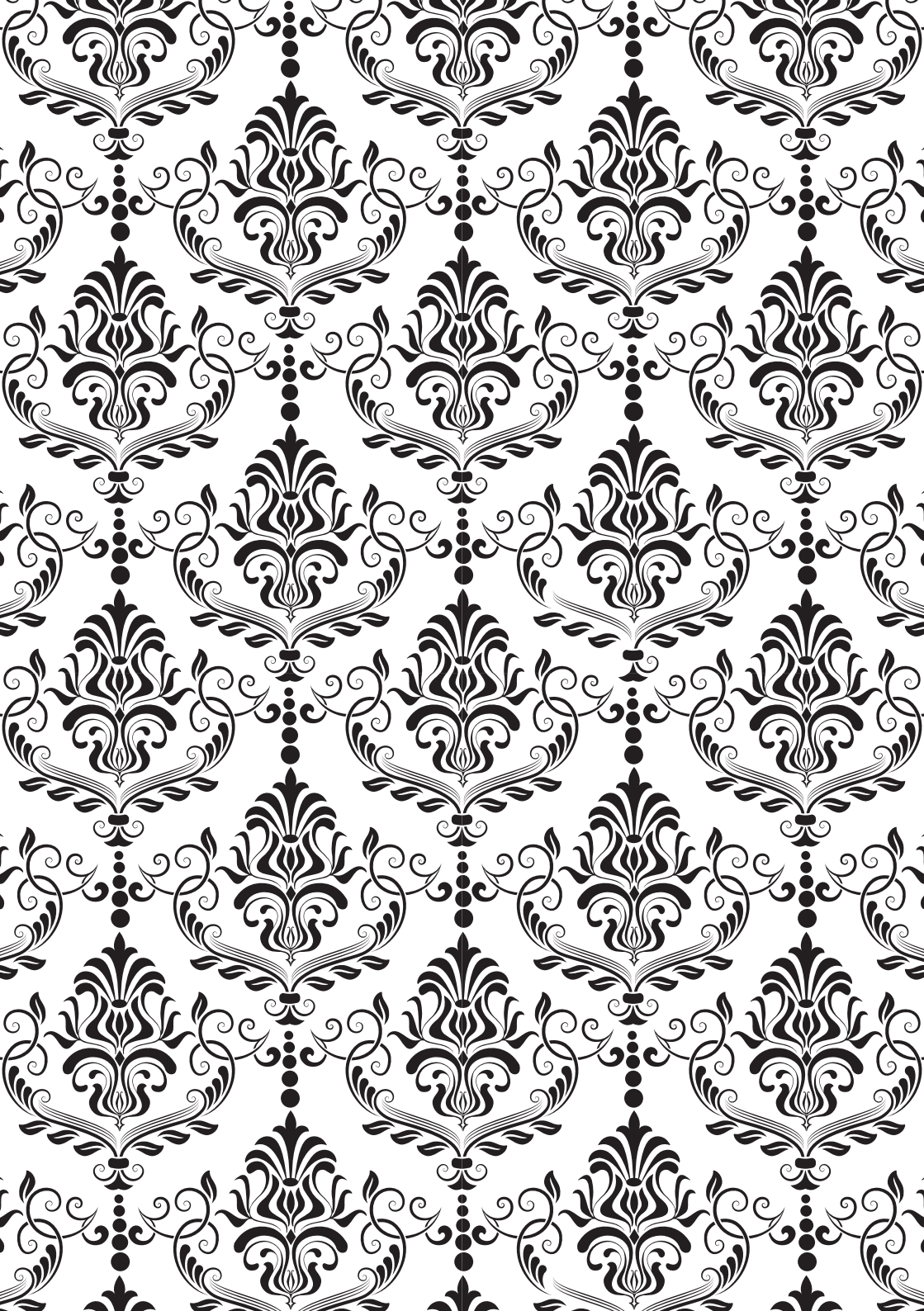
Foto: Acervo Marta Oliveira

Passagem na Praça da Lagoa, um dos principais pontos de lazer das meninas: Maria Helena Braga, Marta Oliveira e Adalgisa Miranda

Além das internas, as entrevistadas para este livro-reportagem fazem menção à existência das juvenistas e das chamadas internas auxiliares. Sobre as juvenistas, eram as vocacionadas para o caminho religioso. Já as auxiliares trabalhavam por estudo e moradia, usavam uniforme diferente das internas pagas e não compartilhavam o mesmo dormitório. “De poder aquisitivo mais baixo, elas pagavam o colégio com o trabalho”, explica Kati. “Geralmente eram meninas de fora. Eram da mesma aula que a gente mas, como não pagavam, limpavam o refeitório e tudo o mais”, comenta Cloé.

Ceres foi um dessas internas auxiliares. “Fazia a limpeza da escola, limpava a sala de aula para poder pagar o estudo e a hospedagem, porque meus pais eram muito pobres”, relata. Segundo ela, a rotina das internas auxiliares era diferente da das internas cujas famílias pagavam. “Tudo começava antes, no nosso caso: a gente levantava, ti-

rava o pó das salas de aula, tomava café e depois ia para aula – quem estudava pela manhã. Já quem estudava de tarde lavava a louça do café. Mas existia uma escala”, explica. “Tinha uma irmã cozinheira e a que cuidava da roupa, pois existia uma rouparia – tinha muita roupa, pois eram as das internas, das auxiliares, das irmãs...”, conta. “Cada uma tinha seu balde, seu rodo, seu pano de pó e seu pano de chão”, destaca. “A gente ia até às 19h trabalhando, todo colégio éramos nós que limpávamos, até os vidros”, revela. “Tinha a Irmã Ana, que supervisionava. Se não estivesse limpo ela mandava limpar de novo. E sempre mandava”, relembra.



**“Nunca ninguém conseguirá ir ao fundo
de um riso de criança.”**

(Victor Hugo)

DIVERSÃO, LAZER, SUBVERSÃO

Em meio à rotina naturalmente rígida, marcada pelos compromissos escolares e pessoais do dia, havia brechas para uma das coisas mais importantes na vida de uma criança: se divertir. Neste capítulo abordamos sobre “diversões e traquinagens”, trazendo relatos que rememoram alguns desses momentos em que as meninas viveram instantes de diferentes graus do que podemos chamar de “ousadia” ou “espírito arteiro”. Também aqui referimos situações em que as internas se divertiam e brincavam em eventos especiais e nas horas vagas entre as atividades da Escola.



Entre as lembranças dos tempos do internato está o som vindo, à noite, da calçada, dos acordes do violão acompanhados da voz de jovens enamorados. “Era a serenata dos guris para nós. Deus nos livre chegar na janela!”, rememora Cloé Bastos Pereira. “Eles nos esperavam na entrada da igreja, mas nós só nos olhávamos na missa. Aí, de noite, vinha a tal serenata e a gente sabia quem era”, explica. Aliás, conseguir espiar a performance dos músicos amadores pelas frestas da janela era uma conquista e tanto. A vigília das freiras era constante, para evitar a exposição das meninas – e o que seria pior: uma eventual paquera.



Fonte: Internet

Ceres Teló também recorda sobre as regras e proibições. “A convivência com as pessoas era pouca, pois ir ao portão...Nossa Senhora!”,

ênfatiza. “A gente estava sob responsabilidade delas, e se olhasse para fora, pela janela, a dona Eloisa Fonseca, que era dona de um depósito de bebidas ali na frente, ligava e contava para as Irmãs. Isso do tempo do telefone a manivela”, lembra. “Se elas pegassem a gente, tinha o castigo de não ir para casa nas férias e nem no final de semana”, menciona.



Fonte: Internet

Cloé destaca que o internato tinha um bom conceito. “Éramos as ‘famosas’ internas. Vinha gente de todo o Estado para estudar e residir aqui – Uruguaiana, Santo Ângelo, Porto Alegre, Ijuí, entre outras cidades”, cita. “E os meninos gostavam muito das internas”, acrescenta, bem-humorada.

Muitas das alunas, com o tempo, se sentiam em casa. Algumas criavam coragem para driblar as freiras e fazer valer sua vontade. Cloé conta que foi o que aconteceu com Elvira que, em dados momentos, resolvia não querer ir à aula. Para tanto, arranjava um jeito de fazer subir a temperatura do corpo e parecer doente. “Ela descobriu que, se colocasse um determinado papel na sola do pé e a meia por cima,

dava-lhe um febrão. Aí, de manhã, ela ia para a enfermaria, as irmãs mediam a febre e a medicavam”, relata. “Hoje em dia ela tem um problema nos pés, na pele, de tanta febre que teve”, comenta. “As irmãs nunca ficaram sabendo”, acredita.

Cloé admite que faltava à aula uma vez ao mês. “Eu nunca tive febre, nunca fiquei doente, mas quando eu ficava menstruada, eu dizia para uma freira muito querida, a Irmã Jacinta: ‘eu vou ficar de cama, não aguento’, confidencia. Para todos os efeitos, estava se sentindo mal.

A dispensa das aulas era motivo de alegria, como parece ser ainda hoje para qualquer estudante. “Me lembro quando a Therezinha Olea foi Miss São Borja e Miss Rio Grande do Sul. Quando ela voltou, a gente ficou esperando. Não tivemos aula o dia todo, esperando-a no aeroporto. Coisa boa!”, evoca Cloé.

Momentos bons – e muitos – também são recordados por Sandra Heinze. Entre eles está a memória de quando se escondia para degustar rebarbas de hóstia. “A Irmã Maria José fazia as hóstias do lado da capela. Tinha uma pia, ela ia para esse local cortar as hóstias. E, quando tu cortas, é que nem bolachinha: sobram os restinhos. Aquilo caía, e a gente ia para debaixo da pia para comer”, revela. “Isso tudo era ‘arte’, a gente ia escondidinha, até que um dia nos pegaram e nos cortaram a brincadeira”, conta.

Sobre as ‘artes’, Alci Marques Paz igualmente guarda lembranças. “Tentávamos fazer traquinagem, mas era bem difícil, sempre tinha alguém nos vigiando”, argumenta. “Mas dávamos não sei quantas descargas no vaso – eu considero hoje que aquilo era uma espécie de revolta”, aponta. Já Ceres Teló confessa uma travessura envolvendo uma senhora que ajudava e morava com as religiosas. “Ela tinha pouco cabelo, fazia um coque e, de noite, tirava aquilo – e a gente ia lá e roubava o coque”, confessa. “Dizia que rogava praga para nós”, evoca.



Assunto era o que não faltava entre as internas. Até mesmo a comida servida no internato, para algumas, era pauta para conversas na roda de amigas, associada a possíveis “sinais” ou prognósticos. “Existem umas bananas que possuem um pontinho preto bem redondinho na ponta, e outras não. A gente cortava a banana e, se fosse bem limpinha com um pontinho preto, nós íamos sair no domingo e seria maravilhoso”, revela Sandra sobre a crença daquela época. “Mas se a gente não encontrasse o pontinho, eu já ficava triste, porque sabia que não ia ser bom”, confessa. E enfatiza: “a gente acreditava mesmo naquilo!”.

No internato, por ser uma instituição dirigida por freiras, não havia muito espaço para grandes traquinagens. A tônica do ambiente era de fé – as meninas incentivadas à reflexão e à oração. “Todos os dias nós tínhamos o horário da capela. Todo mundo ia para rezar e cantar”, conta Sandra. “Era mais uma atividade para preencher o tempo. Nós podíamos rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria e estar ‘livres’ para brincar, mas não: falávamos sobre a vida, era um momento de reflexão”, admite.

A amizade construída no internato foi marcada pela descontração entre as meninas. “Nós brincávamos de se esconder. O colégio era enorme, era muito emocionante se esconder lá. Subíamos nos andares e tinha muitas salas, e nós nos escondíamos. A gente passava brincando, jogando vôlei e caçador”, menciona Kati Lima.

Brincadeiras como caçador, amarelinha, bolita e cinco Marias eram comuns naquela época. “Me marcou muito o período no internato. Foram oito meses lá. A melhor época da minha vida. Eu me divertia horrores! Nós brincávamos de vá-



rias coisas, também de perna de pau”, rememora Marly Cabeleira. E acrescenta: “se eu sáísse do internato, ia sair da aula para casa e não tinha nada para fazer, a não ser ir ao cinema. Mas o pai e a mãe sempre iam junto”.

Sandra também lembra com muito carinho desses tempos. “Eu e as gurias jogávamos caçador, amarelinha... Fazíamos roda em pé e colocávamos uma varinha atrás; e aí uma pegava e largava na outra, aí corria para pegar o lugar – não sei o nome dessa brincadeira”, conta. Marta Oliveira destaca: “nós jogávamos vôlei e caçador, sempre tinha um esporte”.

Adalgiza Miranda, chamada pelas colegas pelo apelido de Gisa, também puxa da memória a alegria dos momentos de recreio. “A gente jogava bastante caçador, vôlei, sapata, brincava de roda e cinco Marias”, menciona. Naquele tempo, as meninas não faziam aulas de Educação Física como atualmente existem nas escolas, então arranjavam um jeito de praticar exercício. “Ficávamos na ponta dos pés, com as mãos para cima, perto da parede, para fazer alongamento”, exemplifica. Também brincavam de desfilas, aprendendo a usar sapatos de salto alto. “A gente riscava no chão e ia caminhando com um livro na cabeça, que nem modelo”, ilustra. Tudo isso também envolvia regras. “Tinha a hora e a roupa de jogar – era um calção de elástico de cintura alta e uma camiseta grande por fora. Nada podia marcar o corpo, ninguém usava calças, nem as professoras – eram só calção e vestido”, menciona Alci. “A coisa mais horrível do mundo”, considera, comparando com os padrões atuais.



Fonte: Internet

Para conversarem entre si, sem serem compreendidas pelas freiras ou outras meninas, algumas internas desenvolveram uma linguagem própria. “Nós tínhamos um grupinho que tinha seu próprio ‘dicionário’. Nos comunicávamos de modo que as outras não conseguissem entender, ficava só entre nós”, rememora Ceres. As palavras ganhavam outro significado, como “alhures”, conforme Ceres. “Então, por exemplo, a gente se olhava e dizia ‘alhures’ te conto, e já entendíamos que era ‘depois te conto’”, revela. “A gente que inventava e fantasiava”, explica.



Foto: Acervo CSCJ São Borja

No recreio, Maria Helena Braga,
Adalgisa Miranda e Cloé Bastos,
no pátio da escola

Os passeios fora da escola eram recorrentes e as meninas adoravam. Alguns tinham um motivo específico como, por exemplo, pedir contribuições da comunidade. “Certa vez saímos para vender santinho para construir uma capela. Nos deixavam soltas pelas ruas para vender”, rememora Dalva. “A gente ofereceu até em uma casa de prostituição, e foi muito engraçado, porque todas acharam estranho a nossa presença lá, mas elas compraram”, destaca.

Aos domingos, o passeio era diferente. Em fileiras, tomavam as ruas da cidade. As religiosas acompanhavam de perto: uma na frente,

outra no meio e uma terceira no final da fila. O grupo, invariavelmente, chamava a atenção das pessoas. “A gente caminhava, ia até um pedaço da cidade em fila, e os guris nos seguindo. Achavam um máximo as internas do colégio!”, lembra Marly.

“Os melhores momentos era quando a gente saía”, reforça Tania. “Quando a gente não ia para a casa de alguém nos finais de semana, as Irmãs nos levavam para sair. Passeavam com as moças e as pequenas. Era maravilhoso sair um pouco do internato”, confessa.



Foto: Acervo CSCI São Borja

Cloé Bastos, Maria Helena Braga, Marta Oliveira,
Eda Agelina, Elenita Luchese, Marisa Fernandez,
Zoé Bastos, Nara Carvalho (em pé); Talita Dorneles, Adalgisa
Miranda e Nelci Woitovit (sentadas),
em passeio sobre a ponte do rio Piratini, em
São Luiz Gonzaga, década de 60



Foto: Acervo Eva Terezinha

Amigas em passeio de fim de ano,
na década de 60



Foto: Acervo Maria Oliveira

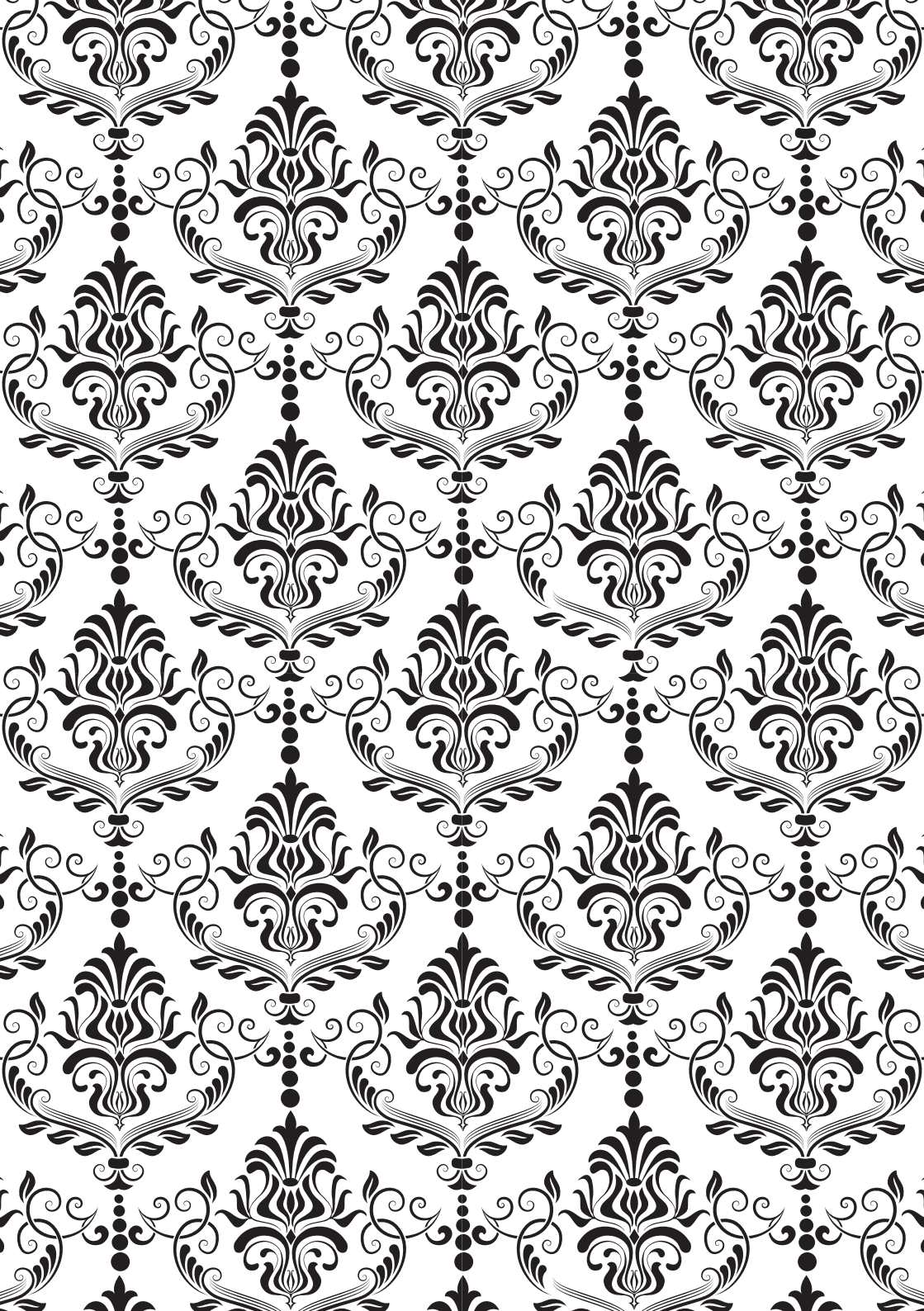
Maria Helena Braga, Marta Oliveira e Adalgisa
Miranda, na Praça da Lagoa

A curiosidade, como algo natural ao universo infantil, igualmente ali se mostrava viva. Marly tinha vontade de descobrir como a religiosas se vestiam para dormir. “Eu, como era menor, dormia bem ao lado da Irmã Vicentina, e existia uma cortina separando a cama dela da minha. Eu levantava a cortina para espiar como ela estava vestida! Tinha curiosidade”, confidencia. “Aí um dia ela me olhou e falou: ‘olha como eu estou bem vestida!’. Achei aquilo tão engraçado, porque ela não me xingava”, comenta.

Até com o padre Marly lembra de ter ‘brincado’. “É uma das coisas mais marcantes que eu lembro de quando fui interna. O padre Petit Jean dava aula de latim e me chamava de ‘Chaleira Quebrada’. Eu roubava os charutos cubanos do meu pai e levava para o padre quando tinha aula com ele”, conta, rindo dessa traquinagem dos velhos tempos. “Nós éramos ‘impossíveis’ na aula dele, até que a madre Jozefina começou a sentar na sala, costurando. Ela ficava lá, bordando. Só a presença dela fazia a gente se ‘acalmar’. Então não tinha mais anarquia com o padre. Mas ele também brincava com a gente”, rememora.



Tereza Munró também recorda de episódios em que driblavam a vigília e faziam “arte”. “Como colocar o lençol na cabeça, para assustar as menores”, conta. Esperavam as freiras dormirem e, como suas camas eram separadas das camas das meninas por uma cortina, agiam com certa tranquilidade até provocarem a reação de susto nas pequenas.



*“Os fantasmas causam maior medo de longe
do que de perto.”
(Nicolau Maquiavel)*

MEDOS E IMPACTOS

Temores são naturais em qualquer fase da vida. Mas para crianças e jovens que, pela primeira vez, deixam a casa da família e passam a residir em um espaço coletivo e impessoal, a possibilidade de existirem situações de medo é ainda maior. Neste capítulo apresentamos memórias ligadas à questão dos medos diante do sobrenatural, da imaginação fértil, dos trovões em dia de temporal. E outros medos e receios próprios da idade e das transformações por que passavam.



“A primeira impressão que tive quando olhei o quarto foi sentir um vazio, um medo”, descreve Sandra Heinze. “Eu pensei: ‘Poxa, vou dormir aqui e não conheço ninguém’”, relembra. “Aquele salão grandão, com aquelas fileiras de caminhas de ferro brancas”, acrescenta, evocando a imagem que nunca mais saiu de sua memória. Dalva Sasso também passou pelo impacto da chegada. “Fiquei meio assustada, por ser um lugar estranho que eu nunca tinha ido e passar a conviver com as colegas, que não conhecia nenhuma”, justifica.

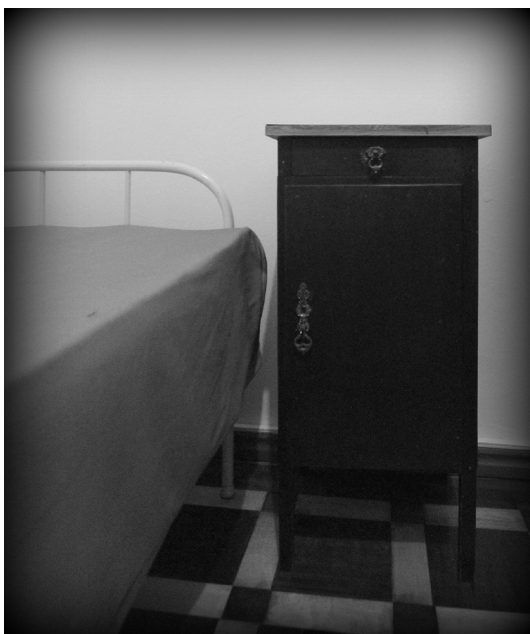


Foto: Miro Bacin

Sandra e Dalva não foram as primeiras nem as únicas a sentir medo. “A gente se atacava de nervosa. Tu imaginas ficar longe do pai e da mãe, dos irmãos”, argumenta Tania Passamani. “Eu chupava bico e levei. Chupava depois que todo mundo dormia, deixava debaixo do

travesseiro”, confia.

Marly Cabeleira recorda que era uma das mais novas do internato. “Era a menor de todas que estavam lá. Foi tranquilo, mas eu estava com medo. Falei para a Irmã Vicência, então ela me colocou na cama do lado dela”, comenta.

Já Kati Moretti Lima confessa que não demorou para se acostumar com o internato. “Eu gostava, porque tinha uma turma enorme de amigas”, conta. “Eu era medrosa, tinha medo de muita coisa, mas não lá. Era muita gente reunida sempre, não dava para sentir medo”, alega. Mas de injeção, Kati fugia. “Uma coisa que me marcou muito foi a vacinação contra a varíola lá no colégio. Eu tinha horror de tomar injeção”, comenta. “Aí eu me escondi e subi para os dormitórios e deitei embaixo da cama de uma menina que estava com varíola e acabei tendo a doença”, revela. “Mas tive muita sorte, porque depois que passou fiquei sem nenhuma marca”, comemora.



Selia Sasso também compartilha que enfrentou um problema de saúde. No entanto, no caso dela, foi traumatizante, pois começou em um passeio que o grupo de internas fez, com as religiosas, à Argentina. “Me deu um febrão de 40 graus. As Irmãs me levaram para o hospital na Argentina. O médico queria que eu ficasse lá, mas eu disse que não ia ficar, de jeito nenhum. Daí me medicaram e a Irmã disse que ia me trazer de volta. Uma das Irmãs voltou só comigo”, conta. “Acho que tive um problema renal, passava com febre”, recorda.

Por conta da enfermidade, Selia precisou ficar em repouso, e foi levada para um quarto separado. “Era tipo uma enfermaria. Um quarto em que eu ficava deitada, sozinha, no terceiro andar, doente. Eu tinha

uns 10 anos”, relata. Devido à enfermidade, perdeu o apetite. “Não conseguia comer nada, não gostava da comida. As freiras queriam me obrigar a comer, e eu não podia nem enxergar aquilo. Aí elas me deixavam no refeitório – todo mundo saía e eu ficava lá, na frente do prato”, lembra.

Alci Paz também passou por uma enfermidade, durante o período de interna, que lhe marcou. “Lembro uma vez que eu fiquei doente e fui ao médico. Me saiu uma alergia em todo corpo, tinha que tomar medicamento todos os dias e passar no corpo. E nesses momentos eu achava muita falta da minha mãe. Ela veio, ficou uns dois dias no hotel e foi de volta para fora”, relata.

As transformações do corpo na adolescência foram vivenciadas nem sempre com tranquilidade. Selia menciona que não levou, na mala, sutiã – “na época não se usava”, justifica. “Foi uma função quando começou a necessidade de usar. Outra coisa foi a menstruação: um susto! Não existia uma mãe para explicar para a gente, quando começou a sangrar foi um horror”, confessa. “Eu ia ao banheiro e me lavava, não podia trocar de roupa – porque trocar de roupa era só na hora do banho. Só a Dalva sabia, porque era a mais velha e podia comprar modess [absorvente] – as freiras tinham uma espécie de farmácia que vendia essas coisas”, detalha.

A morte, naturalmente, era outro desencadeador de medo entre as meninas. Dalva refere uma ida que fizeram para a Argentina, em Santo Tomé. “Fomos no cemitério e mostraram para nós uns túmulos em que as pessoas estavam enterradas em pé. Nós enxergávamos os mortos dentro do caixão, mas mal olhávamos, loucas de medo”, lembra.





Foto: Miro Bacin

Na escola, o medo em muitas era despertado por um elemento da sala de ciências, que ficava no segundo piso. “Nossos dormitórios eram no terceiro, então tinha um esqueleto na porta dessa sala, e a gente subia a escada e, se olhasse para o lado, enxergava ele”, descreve Cloé. “Eu tinha um medo daquele esqueleto, não podia nem olhar para aquele lado da escada! Se tinha que ir no banheiro de noite, parecia que eu estava vendo ele na escada”, confessa.

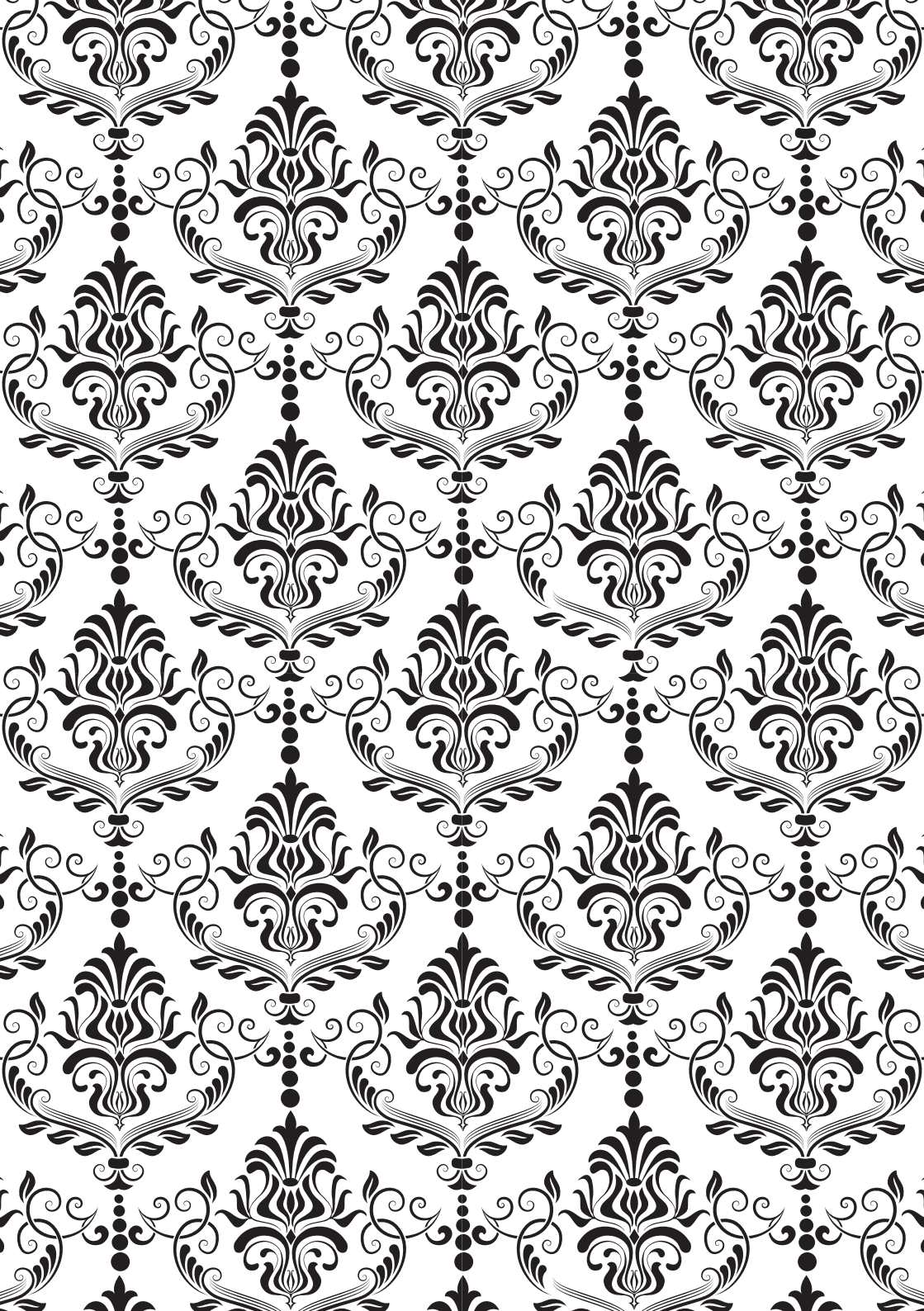


Além do esqueleto, dia de chuva era algo que deixa as meninas apreensivas. “Eu tinha medo de tempestade, mas não aconteceu nada. Se tivesse deitada, me tapava até a cabeça e esperava passar”, relata

Dalva. “Até hoje não gosto de tempestade”, declara Sandra. “Eu era muito pequena. Lembro de uma menina de Itaqui, que também era menor e que, quando chovia muito, a gente tinha medo das trovoadas. Aí nós esperávamos a freira dormir, uma ia para a cama da outra – geralmente ela vinha para minha. A gente se aninhava e ficava ali, porque tinha medo”, comenta. Outra que tinha medo das intempéries era Alci. “Era tudo de vidro, muita janela, e nós tínhamos medo de relâmpago”, confessa. Nessas ocasiões, Alci abraçava mais forte a boneca que levava para o internato – uma de pano, comprada pelo pai na Argentina, que era seu xodó.

Já Marly Cabeleira, pelo contrário, garante que gostava dos dias de tempestade. “Eu adoro tormenta, tempo feio, chuva”, enfatiza. Ela menciona uma lenda que causava medo entre as internas. “Diziam que ali, antigamente, teria sido um cemitério, do colégio até a igreja. E que tinha ouro ali, assim como diziam sobre os túneis que vão até o Passo”, acrescenta. “Um dia a gente acordou e o chão estava todo revirado lá no colégio. E nós todas com os olhos arregalados, achando que íamos encontrar algo, mas não tinha nada. Não acharam nada”, complementa.

Ainda sobre a noite, a mais esperada era a que antecedia a saída para as férias. “Geralmente não se dormia. Era a noite mais feliz. E o dia mais feliz era o seguinte, quando se pegava a mala e ia se pegar o trem”, considera Tereza Munró que – por experiência própria –, não se adaptou ao sistema interno de modo tranquilo. “Até hoje me deixou traumas”, confidencia. “Eu sentia muita falta de casa e da minha mãe”, complementa.



*“A principal e mais grave punição para quem cometeu
uma culpa está em sentir-se culpado”.*

(Sêneca)

PECADOS E PUNIÇÕES

Das teimosias e artes da infância às birras e rebeldias juvenis, foram diversas as situações que se confrontaram com a disciplina e a ordem exigidas no colégio. Neste capítulo iremos adentrar no assunto dos “pecados” e das “punições”. Por um lado, havia a necessidade de estabelecer limites, ensinar o “certo” e o “errado” e mostrar às dezenas de internas que o mau comportamento tinha, obviamente, consequências. Por outro, resistia o espírito desbravador e arteiro.



“Nós éramos impossíveis”, resume Tania Passamani. “Recordo que tinha um muro alto, que nós pulávamos para colher fruta. Mas uma senhora velha criava gato em quantidade e, bem quando íamos pular, os gatos começavam a gritar”, conta. “Um dia a Irmã Bernadete viu a cena e nos colocou de castigo. Ficamos sentadas na sala de tema, sem poder brincar”, lembra.

Era de conhecimento geral a proibição de olhar pela janela. Mas, certa vez, Zoé não resistiu. E foi justo em um anoitecer com serenata, como recorda a irmã, Cloé. “Os guris deram o primeiro acorde no violão e a Zoé, que estava dormindo, acordou e pulou para olhar na janela”, descreve. “Não tinha nada a ver com ela, mas no outro dia ficou de castigo. Teve que escrever a frase ‘não devo olhar na janela’ não sei quantas linhas”, revela.

Marta Oliveira também muito escreveu frases para “aprender” a se comportar. Dona de um temperamento forte, custava a “dar o braço a torcer”, como se diz na gíria. E acabava pagando por isso. “Quando estava quase terminando o mês, a freira que era do bordado vinha por trás de mim e dizia: ‘ainda bem que tu estás bordando, senão ia tirar zero’. E eu erguia os ombros, como se não tivesse nem aí. Na saída eu já sabia: teria que copiar não sei quantas vezes que ‘não devia responder’”, lembra. “Eu colocava quatro lápis e escrevia correndo, porque as gurias estavam me esperando para jogar caçador – a Cloé era uma. Tinha que ir lá pedir desculpa para a freira. Ela perguntava ‘o que mais?’. E eu dizia: ‘mais nada’. Ah, então eu tinha que fazer mais... E as gurias com pressa de jogar caçador chamavam a Irmã Alzira para



ajudar a resolver, porque eu não pedia desculpas!”, relata.

Kati Lima recorda que tomava todo o cuidado para manter o bom comportamento e poder ir para a casa dos pais no final de semana. “Algumas das irmãs eram muito autoritárias, descontavam ponto se a gente respondesse – aquilo era uma defesa delas,” analisa.

Alci Paz acrescenta sobre os passeios do final de semana. “Saíamos todas juntas. Só que, se tu fazias algo de errado, como castigo perdia esse passeio”, comenta.

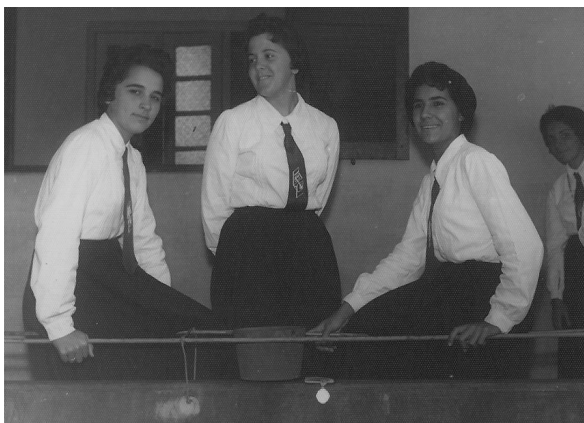


Foto: Acervo Maria Oliveira

Marta Oliveira, Marlene Luchese e Rose Mari
Pinto, no recreio, em 1961

Em determinados momentos, as religiosas sabiam que as jovens estavam “aprontando”. Marly Cabeleira rememora o dia em que ela e um grupo de amigas saíram e foram em direção à parada de ônibus. “Aí enxergamos a Irmã Jerônima, nos escondemos atrás de um eucalipto, mas óbvio que ela viu!”, lembra, entre risos.

Sélia guarda recordações doloridas. “Meu pai deixou eu e a Dalva

lá e foi embora”, comenta. “Naquele dia eu já não estava bem, vomitei, não gostei da comida. E depois me desacertei porque a gente usava uma roupa que nem de presidiária. O internato era rigoroso que nem um presídio”, julga. “Tinha uma senhora que morava lá no colégio e fazia os uniformes para a gente. Ela fez pra mim o vestido, mas ficou muito grande, eu disse que não ia por aquele vestido. E foi uma peleia, porque já tinha que sair para passear, a gente saía em fila – duas freiras na frente e duas atrás. E elas queriam que eu saísse daquele jeito, com aquele vestido grande. Eu me rebelei, finquei pé que não saía com aquele vestido, então já começou mal, com uma briga. No fim ela pegou o vestido e foi diminuir pra mim”, lembra.

Mesmo comparando com a rigidez de um presídio, Sélia deixa escapar que conseguiam arranjar formas de fazer suas travessuras. “Lembro que uma vez as Irmãs estavam tirando os forros de cama para lavar, e aí nós pegamos um lençol branquinho, e uma sentava e a outra puxava no corredor”, detalha. “Tu imaginas como ficaram aqueles lençóis! O resultado é que a gente teve que ir para a lavanderia lavar e escovar”, relata.

Sua irmã, Dalva, confessa que, entre os pertences que levou para o internato estava um radinho de pilhas. “Naquela época era um show, ninguém tinha quase. Eu colocava no ouvido antes de dormir e, certa vez, uma colega puxou os fones e o rádio tocou alto”, recorda. “Fui xingada pela Irmã que ficava nos cuidando, porque não podia ter barulho – tinha que deitar e dormir”, acrescenta.

Em outra ocasião, Dalva foi tentada pelo cheirinho de pão vindo de uma padaria nos fundos do colégio. “Eu disse para uma das colegas ‘vamos ali comprar um sanduíche’ – eles faziam sanduíche de presunto e entregavam pronto. Estavam fazendo uma construção na lavanderia do colégio, nós saímos ali pelos fundos e fomos”, conta. “As Irmãs deram falta de nós e ficaram muito bravas, disseram que iam chamar

meu pai, que eu ia sair do colégio. Eu disse para ela não me expulsar, que eu ia embora. Eu tinha medo do meu pai”, confidencia. “Daí eu me ajeitei com o pai e, de fato, viemos embora para São Luiz Gonzaga. Só que, chegando aqui, não tinha Magistério. Aí eu fui estudar em Santo Ângelo, porque não queria voltar para São Borja”, argumenta.

O rigor da educação no colégio, naqueles tempos, consentia o uso de aparatos como a palmatória. Tereza Munró lembra de algumas situações em que isso ocorria. “Tinha a Irmã Juliana, que dava matemática, e era furiosa. Precisávamos decorar a tabuada, e se não decorássemos, levávamos reguaço nas mãos”, cita. “Elas eram muito rígidas”, considera. “Eu sentia muita falta do carinho de casa, da família. Quando minha mãe me soltava no colégio, eu me agarrava nas portas e chorava, e ela saía chorando”, relembra. “Eu sabia que ia demorar para ver meus irmãos, minha mãe. Porque entrava em março e só saía em julho”, explica.

Ainda conforme Tereza, havia situações de furto do estoque de merenda que os pais mandavam para suas filhas. “Era como se fosse uma caixa com cadeado, com tudo o que era feito na fazenda”, exemplifica. “Tinha muita guria, e umas arrombavam as caixas das outras, de noite – as freiras nunca sabiam quem eram”, conta. Ficavam, portanto, sem ter como punir as responsáveis.

A punição era uma forma de deixar claro para as demais internas que não se admitiam exceções. Ceres Teló recorda de uma vez, quando ela e outras auxiliares das freiras resolveram comemorar o término da limpeza das salas, pois na sequência iriam sair em férias, para a casa dos familiares. “Quando terminamos a limpeza, queríamos tomar um Martini para celebrar. Fizemos uma ‘vaquinha’ e compramos naquela senhora que nos dedurava. Pedimos para o gurizinho que era nosso amigo ali do portão ir comprar. O problema foi que não tinha a bebida,

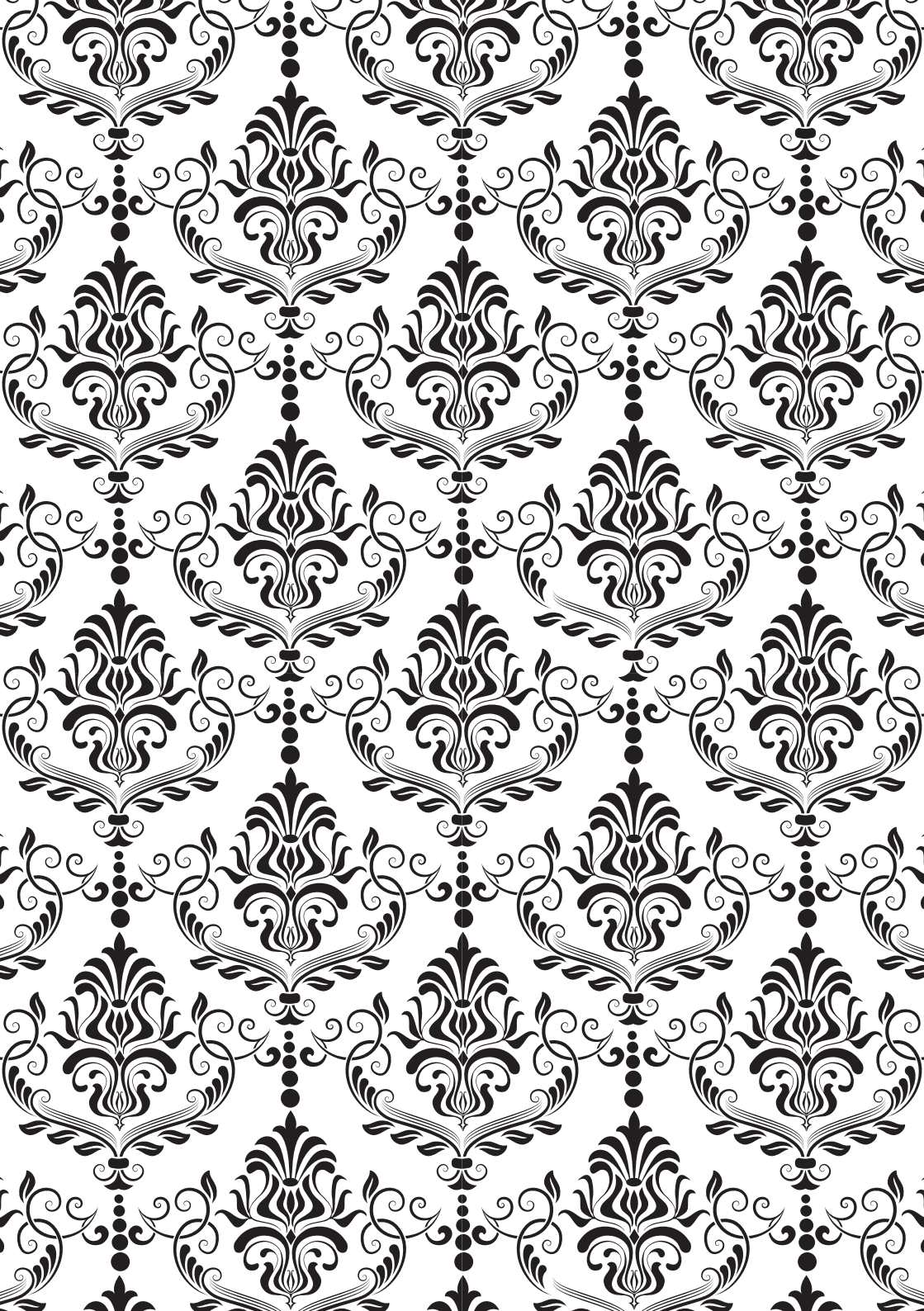


e ele nos trouxe conhaque”, conta.

O que ocorreu em seguida foi que o grupo de meninas se reuniu no banheiro para beber escondido. “Uma colega tomou todos os nossos copinhos, pois ninguém de nós gostou”, relembra. “Ela começou a cantar, e nós dizíamos para ela ficar quieta. Porém, a vizinha já tinha contado”, complementa. “Meu Deus do Céu, que tristeza!”, analisa. “A gente tinha duas semanas de férias, e a Irmã não deixou nós irmos para casa. Ficamos uma semana a mais no colégio”, revela.

Outra situação, igualmente recordada por Ceres, resultou em uma punição mais severa. “Eu tinha uma colega que fugiu do colégio. Deu uma volta na cidade e depois retornou – e a Irmã a mandou embora”, conta. “A família era pobre, a mãe foi buscar de ‘gaiota’, uma espécie de charrete de duas rodas, não era nem uma carroça”, evoca. A cena jamais lhe sairia da memória. “Ela pagou pela infantilidade. Podia ter estudado, ser alguma coisa na vida, mas a Irmã mandou embora para preservar a escola e mostrar para as outras o que acontecia se não obedecesse”, pondera. “Foi algo muito triste. A gente ficou na esquina do colégio, olhando ela ir”, lembra.





*“A infância é o chão sobre o qual caminharemos
o resto de nossos dias”*

(Lya Luft)

VÍNCULOS E SENTIMENTOS

As relações das internas umas com as outras, com os familiares e com as religiosas representaram vínculos vivenciados de modo diverso. Cada qual – pela idade, pelo preparo emocional, pelas experiências individuais – experimentou diferentes sentimentos em seu tempo de internato. Neste capítulo abordamos aspectos sobre o tema compartilhados pelas ex-alunas, a partir da reflexão feita por elas décadas depois de terem deixado a escola.



Gratidão é uma palavra que se repete nos relatos de grande parte das ex-internas. “Sou grata por todas as Irmãs do internato, porque eu recebi amor”, atesta Sandra Heize. “A Irmã Rosa, por exemplo, me ensinou a saber dividir e perder no jogo”, ressalta.

Marta Oliveira considera que lá também encontrou o sentimento maternal. “Quando penso nelas é como se tivessem sido uma segunda mãe”, compara. A lembrança mais especial que carrega na memória é da Irmã Alzira. “Ela era bárbara!”, comenta. “Eu fui criada por babá – a pior coisa que pode existir, porque ela faz tudo por ti”, explica. “Então, lá no internato eu tinha que arrumar as coisas, colocar a saia debaixo do colchão para desamassar, tirar as manchas, lustrar sapato. Mas não tinha jeito para isso”, confessa. “A irmã Alzira, essa freira maravilhosa, fazia tudo por mim”, admite. “E tinha uma freira que era durona e perguntava: ‘E tu, Marta?’ E eu dizia: ‘Só um pouquinho, estou fazendo devagar’. E ela respondia: ‘Gozado...eu te vejo mais conversar com as outras do que fazer e, quando vou revisar, está tudo pronto!’. E eu dizia: ‘É que sou rápida’”, recorda. “Acho que ela morreu sem saber que era a Irmã Alzira era quem fazia por mim”, cogita.

Clóe Bastos igualmente confidencia: “Eu tinha uma Irmã que me protegia”. Entre as ex-internas, hoje em dia, surgem relatos sobre algumas religiosas mais afáveis, que quebravam o protocolo da época – já que o jeito da maioria era pautado pelo tom sério e enérgico. “Era uma defesa esse comportamento rígido”, pondera Kati Lima.

“A relação era maravilhosa”, avalia Marly Cabeleira. “Só não foi uma vez, que tínhamos feito um trabalho para a professora Sueli e todos queriam saber da nota. As folhas estavam na mesa da diretora, aí eu peguei e olhei o que tinha lá. Me suspenderam por três dias de aula”, lembra, rindo de sua astuciosa atitude.

Já Tânia Passamani recorda de momentos lúdicos, de interação, que alegravam as internas que passavam o final de semana na escola.



“A Irmã Júlia tocava gaita, à noite, nos sábados, e todas nós dançávamos”, evoca. “Era lindo de ver!”, acrescenta.

Os laços de amizade constituídos entre diversas das internas permanecem por meio de um encontro anual que ocorre em São Borja. “Isso é muito bom, eu participei antes da minha vida ficar mais agitada. O encontro é uma maneira de rever todas e lembrar tudo”, acentua Sandra. A primeira edição do evento foi em 2000, na cidade de São Luiz Gonzaga, quando participaram 25 colegas. Um ano depois, os encontros começaram a ser em São Borja – com, aproximadamente, a presença de 30 ex-internas participantes. As responsáveis pelo grupo de São Luiz Gonzaga e por realizarem o primeiro encontro foram Adalgisa Miranda e Dalva Sasso.



Foto: Aevno Maria Oliveira

Primeiro encontro: ano 2000

Em São Borja o evento está a cargo de Cloé Bastos, que articula a comunicação com as amigas para acertar a data e os detalhes. A cada

ano é programado um almoço com cardápio especialmente planejado, acompanhado de atrações, brincadeiras e brindes. As Irmãs também são convidadas a celebrarem esse momento. Em 2019 foi em 28 de setembro, no Colégio Sagrado Coração de Jesus, reunindo cerca de 30 participantes.



Foto: Carolina Silveira

Encontro de ex-internas realizado no CSCJ,
setembro de 2019

Dalva comemora o fato de haver um bom grupo de ex-colegas residindo em São Luiz Gonzaga, que se reencontra periodicamente. “As nossas reuniões acontecem uma vez no mês, mas demorou 30 anos para resolvermos fazer esses encontros”, conta. Marta elogia o evento de São Luiz: “Eu perdi só um ano, já faz 16 que venho. A turma de São Luiz é bárbara, faz toda a parte artística”, comenta.

Cloé destaca a perenidade dos vínculos. “As amizades que a gente fez na escola se conservaram – a gente se telefona, tenho amigas em Brasília”, cita. Marly também enfatiza a questão das companheiras que permanecem. “Até hoje eu tenho as mesmas amigas – Ivanyr Gue-

des, que é da minha turma, a Marisa Hoff, a Alzira Rita, grande amiga minha desde a infância”, menciona.

No convívio diário era comum as meninas desenvolverem mais complacência por umas e algum atrito eventual por outras. Por vezes, chegavam às vias de fato em um ato mais agressivo, como conta Marta. “A Maria Aparecida Chaves, essa eu morde! Até hoje ela tem a marca da mordida”, confessa. “Nós estávamos jogando pingue-pongue, não me lembro o porquê, mas ela fez a volta na mesa e se agarrou nos meus cabelos. Eu dei uma mordida para ela largar”, justifica.

Sandra e Kati chegaram a vivenciar situações de conflito; e, para evitar embates, Sandra confia que encontrara uma solução. “A Kati era ‘a dona da razão’. Mas se ela discutia comigo e me dava uns empurrões, eu provocava a Tania Mara, irmã dela, e fazia o mesmo com a pobre da Tania Mara, que era mais quietinha”, conta. “Então a Kati não batia em mim, para eu não bater na irmã dela. Isso era uma questão de ‘sobrevivência’ – a gente aprendia muita coisa ao conviver com as pessoas, pois se convivia com pessoas diferentes, tanto da cidade como de fora”, complementa.

Kati assegura que, daqueles tempos, só restaram bons sentimentos. “Foi uma coisa muito linda, porque a gente foi criança na mesma época. Até hoje eu tenho um carinho muito grande por todas que foram internas comigo, porque marcou nossa época”, declara. Dalva recorda que as menores costumavam recorrer à atenção das internas maiores. “Lembro das pequenas que se apegavam com a gente. Eram tipo nossas filhinhas. A minha pequena era a Joveli, aí tudo o que ela queria ela vinha pedir para mim”, rememora.

As mais velhas, nas horas de lazer, também se reuniam para conversar. “A gente tinha os grupos de amigas, de quatro ou cinco. Ficávamos conversando muitas vezes sobre os namorados, contando his-



tórias”, relata Kati.

Independente do grau de amizade entre as internas, havia o estímulo do desenvolvimento do sentimento de compaixão – conforme conta Sandra, citando um episódio triste. “Eu lembro de umas meninas que perderam a mãe e foram para casa. Voltaram com roupa preta, de luto, e nós fomos preparadas para recebê-las com muito amor, rezando”, descreve.

O internato, porém, representava um lugar onde a acolhida nem sempre era sentida pela criança ou pela jovem, dependendo de sua predisposição para estar lá. No entanto, algumas se descobriam preparadas para adaptarem-se tranquilamente àquelas circunstâncias, e chegaram a sofrer no momento em que tiveram que partir. “Chorei toda a última noite de internato, não queria sair”, confessa Marta. “Já estava no primeiro ano do segundo grau e terminou o colégio. Tive que voltar para Uruguaiana. Meu pai só dizia para minha mãe: ‘Viu, tu perdeu o amor em casa!’”, relata.

Depois de onze anos, Cloé arrumou as bagagens e deixou o internato. “Quando fui para Itaquí, senti uma solidão. Senti uma profunda tristeza por não ter como voltar”, conta. “Deixei colegas, deixei amigas”, cita. “O internato foi toda a minha vida, me orientou ao que sou hoje”, afirma.

Sandra recorda que ficou feliz por saber que voltaria para a liberdade de casa. “Eu poderia pegar uma maçã e comer, dormir a hora que quisesse”, menciona. “Mas foi muito importante para mim esse tempo. O internato me tornou uma mulher muito mais preparada para as coisas boas e as coisas que não são boas”, analisa.

“Minha vida foi um alívio quando me vi em casa, apesar da minha mãe me dar muita responsabilidade”, desabafa Kati. “Mas o internato me ajudou muito, eu aprendi a arrumar a cama, a dividir as coisas, as



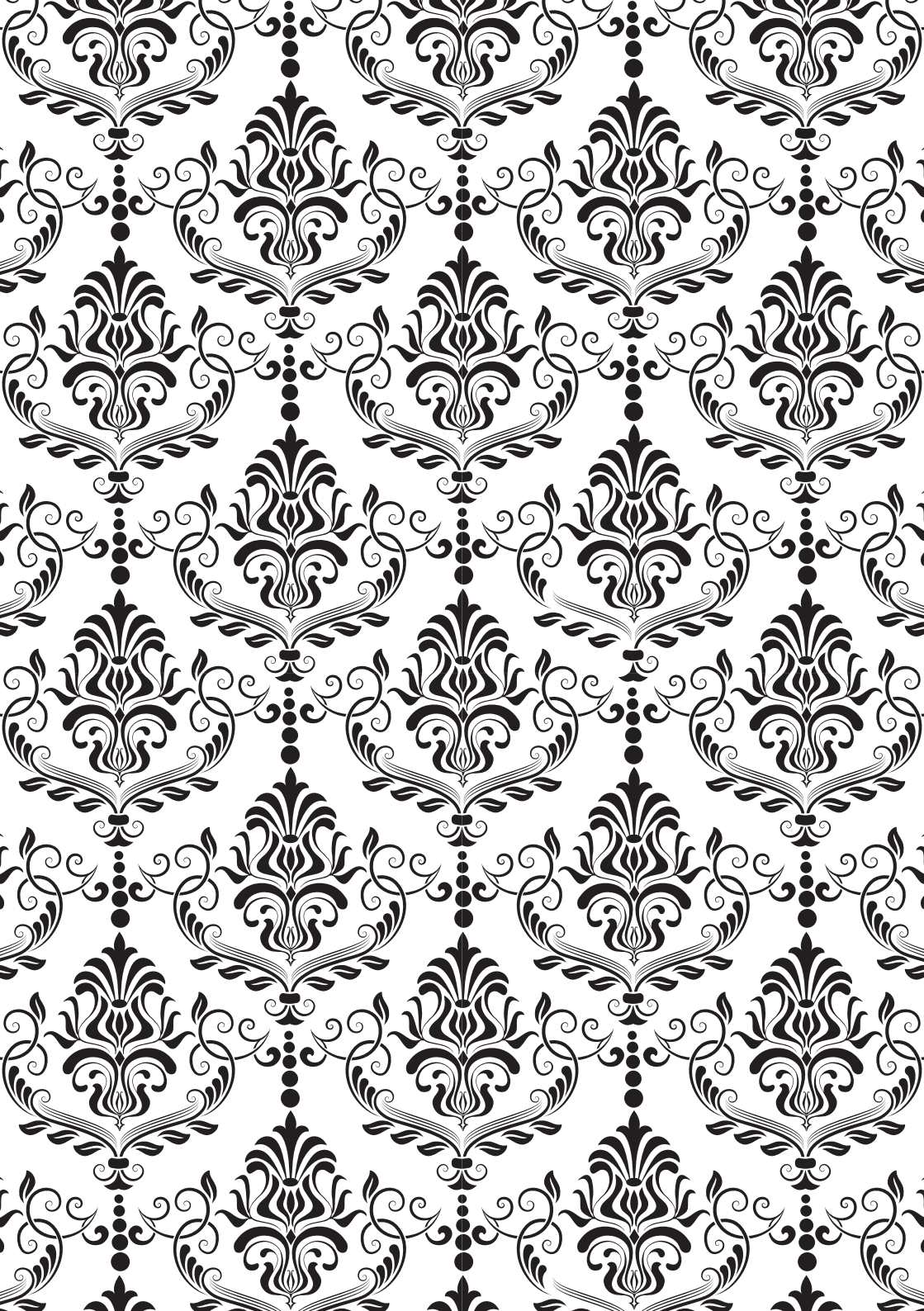
Irmãs nos cobravam muito compromisso. Sou extremamente responsável graças a isso”, menciona. “Hoje não sei se eu seria a favor do internato, porque a presença dos pais é fundamental na vida de uma criança. Mas era algo cultural na época”, argumenta.

As irmãs Selia e Dalva Sasso, com um ano de diferença – Selia a mais nova –, ficaram juntas no internato e tiveram diferentes experiências e percepções sobre esse tempo. “Traumático”, resume Selia. “Aquele período não foi bom na minha vida. Não que as pessoas não fossem boas ou as freiras, mas elas eram muito enérgicas quanto à liberdade. Mas acho que foi mais porque eu fiquei doente, mesmo, que não foi bom”, analisa. “Uma parte das Irmãs não entendia que nós éramos crianças. Muitas saíram de dentro da família e entraram ali dentro de uma entidade, e elas não eram mães, eram cuidadoras. Faltou carinho”, conclui. “A primeira vez em que a gente fez o encontro da turma elas reconheceram e pediram perdão pela forma como a gente era tratada. Mas era bom o internato. A gente levava tudo numa boa, éramos umas quantas e nunca teve briga”, conta.

Já a sua irmã, Dalva, considera os tempos do internato uma parte especial de seu passado. Seus anos no local foram de muita alegria e união. “Para mim foi uma segunda família que eu tive lá. As Irmãs, de modo geral, eram boas, nos orientavam. E as colegas eram como irmãs”, considera.

Outras ex-internas também compactuam do mesmo sentimento. “Eu gostava tanto, que às vezes ficava no final de semana lá – porque a maioria das gurias não saía no final de semana porque era de outra cidade, aí só saía nas datas como Natal, Páscoa”, confia Tania. “Foi o melhor período da minha adolescência. Eu me sentia muito segura, tinha minhas amigas”, lembra Marta. “O internato me deixou boas recordações. Gostaria de ser menina de novo para estar lá no colégio”, admite Marly.





EPÍLOGO

*EX-INTERNAS,
AMIGAS
ETERNAS*

Olhar e escutar. Nunca, em quatro anos de faculdade, compreendi tanto a importância desses dois verbos quanto durante a produção deste livro-reportagem. Nos manuais de jornalismo, nos filmes, em boa parte das aulas, há forte direcionamento para se aprender a questionar. Fiz, é claro, um belo questionário às ex-internas da Escola Sagrado Coração de Jesus. O primeiro impulso de repórter. A sede por informações. A curiosidade latejante. Perguntas e mais perguntas de uma mulher jovem e alheia àquela realidade não mais vista por aqui, não mais palpável, não mais possível de ser investigada, bisbilhotada, descoberta nas suas particularidades.

Confesso que o assunto me atraiu de cara. Internato. Crianças encerradas em uma escola, longe de sua família. Algo que lembra produções cinematográficas, do gênero fantástico ao de suspense. O que teria sido o internato em São Borja? Quem o teria frequentado? Por que deixariam crianças lá, ao invés de as famílias as cuidarem e elas apenas irem estudar?

As inquietações de uma pessoa que veio morar na fronteira Oeste para cursar Jornalismo, oriunda da cidade grande, logo se depararam com uma porta que foi se abrindo e dando acesso a um local simbólico que é a Escola Sagrado Coração de Jesus tal qual narrada pela memória de quem a vivenciou décadas e décadas atrás. Um lugar formado por lembranças únicas, conservadas através do tempo e emprestadas nesse resgate, para trazerem à tona diferentes aspectos da vivência na condição de ex-internas da instituição.

Dessa forma, por intermédio de entrevistas com senhoras que foram internas, com uma interna auxiliar, duas Irmãs e uma diretora leiga, além do contato com outras ex-alunas e da leitura de livros e artigos pertinentes ao tema, consegui desenvolver a presente obra, retratando:

A síntese da história da Escola Sagrado Coração de Jesus, apre-



sentando dados relativos a marcos que indicam a justificativa de seu surgimento e a evolução da entidade ao longo dos anos. Nesse âmbito, introduzi o início do serviço de internato, que é o foco do trabalho pretendido, mencionando a primeira aluna a ser matriculada na modalidade.

Já em funcionamento, o internato “das Irmãs” precisava ser caracterizado, pois o objetivo principal deste livro era, justamente, a prospecção sobre seu período de existência, com a reconstituição e produção de memória acerca de como funcionava e do que representou para a sociedade e para as ex-internas. O próximo conteúdo tratou de explicitar as rotinas e regras, tão caras à entidade. O controle sobre um grupo de dezenas de meninas, de diferentes idades e procedências, carecia de instruções claras e sempre bem lembradas.

Quanto a isso, o grupo de entrevistadas rememorou os compromissos cotidianos, da primeira hora da manhã ao momento de silêncio que se exigia após todas se recolherem aos aposentos coletivos. Nos relatos, foi possível perceber que as internas passavam o dia ocupadas com atividades que contribuíam para se manterem instruídas, seja no aspecto da educação formal, seja na questão artística-cultural ou até mesmo religiosa. Não sobrava muito tempo para a subjetividade, para momentos de isolamento, de introspecção. Um ponto que foi destacado por várias entrevistadas é a presença constante das religiosas junto às meninas, nos diferentes ambientes e instantes do dia, até mesmo no dormitório.

Já o capítulo seguinte abordou um dos temas caros à infância e à juventude: as brincadeiras e as travessuras. Foi visto que as internas - as entrevistadas estiveram nessa condição entre os anos 1952 a 1971, cada qual em um período - apreciavam brincar ao modo tradicional, com jogos como Cinco Marias, Caçador, bolitas, esconde-esconde, entre outros. As mais adolescentes se reuniam em rodas de conversa

e até mesmo criavam códigos próprios, com palavreado que nem as freiras nem as de outros grupos sabiam interpretar.

Ainda no quesito “travessuras” havia muita ingenuidade, nem sempre entendida pelas Irmãs como algo natural e aceitável. Tudo o que estivesse fora do planejado era potencialmente considerado como algo indevido.

O terceiro capítulo foi mais a fundo no emocional e adentrou nos medos que as internas sentiam, de diferentes ordens. Cada uma relatou histórias distintas, do medo do sobrenatural a medos bobos, criados pela imaginação, e medos de fenômenos naturais, como trovões e relâmpagos. Falar dos medos foi algo importante, pois crianças e adolescentes, longe da sensação de proteção dos pais, em imensos quartos, teriam bons motivos para darem asas à imaginação e começarem a criar fantasmas com a mente. Como encararam essas questões? Interessante vermos a maneira de lidarem com isso, algumas vezes encontrando apoio em outras colegas ou buscando formas de autocontrole.

Também nesse assunto foi discorrido sobre eventuais impactos causados durante o período em que as meninas ficaram internas. Traumas, preocupações, doenças, transformações naturais do corpo adolescente. Tudo isso, vivenciado pelas internas, acarretou em experiências que ficaram na memória e deixaram lições. Pode-se concluir que não tiveram o respaldo das Irmãs, tal como desejariam, quem sabe, diante de determinadas circunstâncias. Mas também não tiveram preparo ou amparo de suas famílias, tal qual precisariam ou careceriam, na hora certa, igualmente em dados momentos, sobretudo diante de situações mais delicadas, como durante enfermidades ou na menarca.

A concentração das meninas na escola, por mais que fizessem passeios pela cidade - na companhia das Irmãs - era uma circunstância que, em dado momento, pode motivar o desejo por fazer algo que quebre a rotina - ainda mais se a interna for de temperamento mais forte,

reativo diante das proibições e regramentos. Em face a isso surgiu a pauta do capítulo sobre pecados e suas punições. Nele colocamos os desabafos sobre comportamentos que as entrevistadas narraram, delas e de outras, que resultaram em algum tipo de castigo. Foi possível constatar que, embora fosse usual manter a disciplina e associar punições a casos de descumprimento de regras, houve situações que marcaram as meninas por não haver um espaço de diálogo entre as partes (adultos e crianças/jovens ou docentes e discentes) tal qual existe hoje, à época. Por outro lado, a reação das religiosas refletia os valores da sociedade de então, o que era esperado e necessário à manutenção da ordem segundo a tradição vigente. A leitura do passado, a partir do presente - e pelo recurso da História Oral, que puxa da memória a referência, já carregada do juízo de valor que as emoções naturalmente impregnam -, conduz a posturas de julgamento baseadas no que seria o ideal hoje. Mas é importante lembrar que o tempo reportado nesse resgate corresponde ao período entre as décadas de 1950 a 1970.

De tudo o que foi desenvolvido no livro, fica claro que - independente do que cada interna levou para si da experiência vivida - cada uma delas carregará, para sempre, vínculos e sentimentos oriundos dessa época. É sobre o que trata o capítulo final, que destaca a relação com as religiosas e entre si, com comentários críticos e saudosos. A opinião sobre os pontos positivos ao se deixar de estar sob o regime de internato - não mais tendo de restringir os desejos infanto-juvenis a horários e disciplinas pré-estabelecidos e voltando ao convívio com a família - parece contrastar com relatos anteriores das entrevistadas de enaltecimento da vida no local. Essa sensação de postura contraditória é, na realidade, uma prova de que ali muitas delas souberam o que esperar e como usufruir da instituição, adaptando-se com um grau de maturidade ou uma personalidade mais facilmente ajustável às circunstâncias; mas que sempre aguardaram pelo momento do retor-

no, devidamente preparadas para voltarem às suas famílias. Souberam vivenciar o internato conforme seu significado para a cultura da época.

Houve, também, moças que se ressentiram dessa despedida. O internato acabara sendo sua melhor referência de família e lar. Compreende-se pelo fato de que o dia-a-dia aproximava muito as meninas entre e si e com as Irmãs. A rotina era praticamente fechada em uma programação exclusiva e com pouco imprevistos. Havia personagens cativantes, em meio a esse cenário conhecido por todas, como Irmãs mais afetuosas e internas mais extrovertidas. Os momentos e espaços de lazer e arte contribuíram também para reforçar vínculos e trabalhar não apenas a autoestima das alunas, como projetavam a escola junto à comunidade.

De modo geral, em termos de sentimentos, existe algo comum a todas, que é uma fraternidade entre elas. Terem sido internas, mesmo que em período com diferenças de anos, as tornou um grupo com uma identidade que as uniu e une pela história. Foram “as meninas das irmãs” - como citou a Irmã Fernanda Cerutti a respeito da forma com que a sociedade fazia referência a essas jovens, naqueles tempos.

É esse sentimento que move as ex-internas aos eventos de confraternização, como foi citado no livro. Em São Borja, o encontro anual; em São Luiz Gonzaga, encontros menores e mais frequentes durante ano. O importante, para essas senhoras, é a oportunidade de se reve-rem, de lembrarem o passado, evocarem episódios e darem risada; é a chance de se abraçarem, falarem dos netos e dos bisnetos, esquecerem as dores e reafirmarem: mais que ex-colegas de internato, são, verdadeiramente, eternas amigas.



REFERÊNCIAS

LIVROS

BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélagos Editorial, 2006.

____. **O olho da rua**. São Paulo: Globo, 2008.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. 5ª ed. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

ZENNI, Clair E. (org.). **Escola Sagrado Coração de Jesus vê São Borja através de sua janela - 1932-1992** (livro produzido pelos alunos do 3º Magistério 1990). São Borja: edição institucional, 1992.

ARTIGOS E TESES

CATTANI, Antônio David; KIELING, Francisco dos Santos. “A escolarização das classes abastadas”. Disponível em: <https://www.re-dalyc.org/pdf/868/86819553009.pdf>. Acesso em 16/05/2019.

CONCEIÇÃO, Joaquim T. da. “Internar para educar - colégios-internatos no Brasil (1840-1950)”. Salvador: UFBA (tese de doutorado), 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/13349>. Acesso em 04/06/2019.

MAIA, Marta R. “A História Oral como recurso metodológico na entrevistajornalística”. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/contracampo/article/download/17437/11074>. Acesso em 22/05/2019.

MORAIS, Normanda A. de et al. “Notas sobre a experiência de vida num internato: aspectos positivos e negativos para o desenvolvimento dos internos”. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a05.pdf>. Acesso em: 23/07/2019.

ENTREVISTAS

AMARAL, Eva. Entrevista à autora em 03/05/2019.

CABELEIRA, Marly. Entrevista à autora em 06/05/2019.

CERUTTI, Fernanda Ir. Entrevista à autora em 07/06/2019.

FARIA, Olga. Entrevista à autora em 03/05/2019.

GAMARRO, Regina. Entrevista à autora em 03/05/2019.

HEINZE, Sandra. Entrevista à autora em 27/04/2019.

LIMA, Ilma (Kati). Entrevista à autora em 05/05/2019.

MIRANDA, Adalgisa. Entrevista à autora em 03/05/2019.

MOREIRA, Maria Sirley. Entrevista à autora em 03/05/2019.

OLIVEIRA, Marta. Entrevista à autora em 10/05/2019.



PAZ, Alci. Entrevista à autora em 08/09/2019.

PASSAMANI, Tania. Entrevista à autora em 29/04/2019.

PEREIRA, Cloé. Entrevista à autora em São Borja, 11/04/2019

PEREIRA, Ida. Entrevista à autora em 08/09/2019.

SASSO, Dalva. Entrevista à autora em 03/05/2019.

SASSO, Selia. Entrevista à autora em 03/05/2019.

TELÓ, Ceres. Entrevista à autora em São Borja, 08/09/2019.





SOBRE A SÉRIE MEMÓRIA

A **Série Memória – São Borja** foi criada com o objetivo de constituir um acervo de livros-reportagem sobre a cidade, seus personagens, lugares e histórias, orientados pela Prof^ª Dr^ª Adriana Duval. As obras se enquadram como projetos experimentais voltados à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa.

Títulos da série:

2018

Histórias de fé: a devoção por Maria do Carmo

Barbara Moraes

A Soteia: uma casa, muitas histórias

Gabrielli Leiria

Mário Barbará: percursos de uma trajetória de sucesso

Matheus Bernardes

2019

Nos Tempos do Internato – Memórias de ex-internas da Escola Sagrado

Coração de Jesus

Carolina Silveira

Trilhando Memórias – a era do trem em São Borja

Lucas Villiger



SOBRE A AUTORA



Carolina Silveira de Souza é natural de São Jerônimo/RS. Em 2016 mudou-se para São Borja, onde cursou Jornalismo na Universidade Federal do Pampa. Durante esse período, por dois anos participou como bolsista de pesquisa do projeto “Jornalismo Humanizador em Crônicas da Cidade”, atuando como produtora da coluna semanal “Crônicas da Cidade”, da Folha de São Borja.

Atualmente reside em Porto Alegre e colabora com a equipe de jornalistas da Rede Pampa de Comunicação.

Apaixonada confessa pelo exercício da reportagem em profundidade, encontrou no tema de seu trabalho de conclusão de curso, que apresenta em forma de livro, motivação para um estudo com ampla prospecção baseada em histórias de vida. O intuito, além da experimentação acadêmico-profissional, foi contribuir com a produção de memória à cidade que a acolheu durante o período de graduação.

